



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)  
MEDIÇÃO CULTURAL:  
ARTES E LETRAS**

**DA CARRETA FURACÃO AOS TRENZINHOS DA ALEGRIA  
DA FANTASIA À REALIDADE**

**LIS RETTI DONZEL**

**Foz do Iguaçu  
2025**



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)  
MEDIÇÃO CULTURAL:  
ARTES E LETRAS**

**DA CARRETA FURACÃO AOS TRENZINHOS DA ALEGRIA  
DA FANTASIA À REALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Mediação Cultural: Artes e Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Danielle Michelle Moura de Araújo

**Foz do Iguaçu  
2025**



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)  
MEDIÇÃO CULTURAL:  
ARTES E LETRAS**

**DA CARRETA FURACÃO AOS TRENZINHOS DA ALEGRIA  
DA FANTASIA À REALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Mediação Cultural: Artes e Letras.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Danielle Michelle Moura de Araujo  
UNILA


---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Angelene Lazzareti  
UNILA

---

Bach. Gabriel Mendes Dias  
SENAC

**Foz do Iguaçu, 8 de setembro de 2025**



**Dedico este trabalho a Luiz Carlos Lima de Souza, conhecido como Frank (*In memoriam*), o Naruto que me colocou em contato com o mundo dos Trenzinhos da Alegria**

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade Federal da Integração Latino-Americana-Brasil (UNILA)

Em primeiro lugar agradeço à minha professora orientadora não só pela constante orientação e confiança neste trabalho, mas sobretudo pela compreensão da paixão que ele carrega. Obrigada Dani, por tudo!

Às professoras da banca, pelas orientações durante minha formação, que abriram espaço para a existência desse trabalho.

Ao meu ninho, que me recebe sempre de braços abertos e possibilitou a escrita desse trabalho, não só com comida na mesa e teto na cabeça, mas com muito amor no coração.

À Gabri e a Ju, que compartilharam comigo as risadas e conselhos que aliviaram esse processo. Ao Davi, que sempre colocou muita fé nesse trabalho, a ponto de me ceder sua casa para a pesquisa e à Lidiane, que me apresentou o curso de LAMC.

Ao Pê, pela parceria etnográfica e romântica, agradeço pela confiança constante nas minhas capacidades, das quais eu cheguei a duvidar.

Aos editores da página Museu dos Trenzinhos, que se mostraram solícitos desde o primeiro contato e aos outros trabalhos que fizeram esse possível.

Aos trabalhadores do Trenzinho Beach Bus Balada, de Caraguatatuba, e Carreta Expresso da Alegria e Conexão da Alegria de Governador Valadares, por me receberem tão bem.

A todos os Fofões, Chaves, Máskaras, Luigis e muitos outros personagens que rodam o Brasil levando alegria e cultura para as crianças.



*Quem não animar, vai voltar a pé!*  
**Carreta Expresso da Alegria**

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é explorar o fenômeno cultural dos Trenzinhos da Alegria no Brasil, geralmente conhecidos como “Carreta Furacão”. Com uma abordagem etnográfica, descreve os processos históricos, estéticos e sociais que estruturam esse evento cultural. A pesquisa acompanha suas transformações, desde suas origens nos anos 1980, em Minas Gerais, até as múltiplas formas que assume, como por exemplo, na repercussão midiática do meme “Carreta Furacão”. A metodologia utilizada combina pesquisa documental, análise de mídias digitais e trabalhos de campo de cunho etnográfico. Foram realizados nas cidades de Guarulhos, na Grande São Paulo; Caraguatatuba, no litoral norte de São Paulo; e Governador Valadares, no interior de Minas Gerais, onde os Trenzinhos da Alegria têm mais de 40 anos de tradição. A pesquisa explora tanto uma abordagem gráfica imersiva, para proporcionar uma leitura alternativa de descrição, quanto uma reconstrução histórica a partir de relatos e experiências de participantes deste fenômeno cultural.

Palavras-chave: Trenzinho da Alegria; Carreta Furacão; Memória Cultural; Cultura popular;

## RESUMEN

El objetivo de este trabajo es explorar el fenómeno cultural de los Trenzinhos da Alegria en Brasil, conocidos generalmente como «Carreta Furacão». Con un enfoque etnográfico, describe los procesos históricos, estéticos y sociales que estructuran este evento cultural. La investigación sigue sus transformaciones, desde sus orígenes en la década de 1980, en Minas Gerais, hasta las múltiples formas que adopta, como, por ejemplo, en la repercusión mediática del meme “Carreta Furacão”. La metodología utilizada combina investigación documental, análisis de medios digitales y trabajo de campo de carácter etnográfico. Se llevó a cabo en las ciudades de Guarulhos, en el Gran São Paulo; Caraguatatuba, en la costa norte de São Paulo; y Governador Valadares, en el interior de Minas Gerais, donde los Trenzinhos da Alegria tienen más de 40 años de tradición. La investigación explora tanto un enfoque gráfico inmersivo, para proporcionar una lectura alternativa de la descripción, como una reconstrucción histórica a partir de relatos y experiencias de participantes en este fenómeno cultural.

Palabras clave: Trenzinho da Alegria; Carreta Furacão; Memoria cultural; Cultura popular;

## **ABSTRACT**

The objective of this work is to explore the cultural phenomenon of Trenzinhos da Alegria in Brazil, commonly known as “Carreta Furacão.” Using an ethnographic approach, it describes the historical, aesthetic, and social processes that structure this cultural event. The research follows its transformations, from its origins in the 1980s in Minas Gerais to the multiple forms it takes, such as the media repercussions of the “Carreta Furacão” meme. The methodology used combines documentary research, digital media analysis, and ethnographic fieldwork. The research was conducted in the cities of Guarulhos, in Greater São Paulo; Caraguatatuba, on the northern coast of São Paulo; and Governador Valadares, in the interior of Minas Gerais, where the Trenzinhos da Alegria have more than 40 years of tradition. The research explores both an immersive graphic approach, to provide an alternative reading of description, and a historical reconstruction based on the accounts and experiences of participants in this cultural phenomenon.

**Keywords:** Trenzinho da Alegria; Carreta Furacão; Cultural Memory; Popular Culture;

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Figura 1 - Captura de tela retirada do vídeo original do meme	15
Figura 2 - Paquitas e personagens na década de 80	21
Figura 3 - Empresa Tolomelli Star em 2013	22
Figura 4 - Fofão sentado em cima do Trenzinho da Alegria	22
Figura 5 - Funcionários do Trenzinho Expresso da Alegria	22
Figura 6 - Funcionários do Trenzinho Expresso da Alegria	23
Figura 7 - Trenzinho Minhocão da Alegria	23
Figura 8 - Funcionário sentado em cima do Trenzinho Kukão da Alegria	23
Figura 9 - Trenzinho Kukão da Alegria	24
Figura 10 - Trenzinho Nave da Alegria e Baleia	24
Figura 11 - Trenzinho Nave da Alegria e Baleia	24
Figura 12 - Trenzinho Nave da Alegria e Baleia	24
Figura 13 - Fila para embarcar nos Trenzinhos da Alegria	25
Figura 14 - Fila para embarcar nos Trenzinhos da Alegria	25
Figura 15 - Minhocão da Alegria em Campos-RJ	25
Figura 16 - Anúncio do Minhocão em Ribeirão Preto	25
Figura 17 - Trenzinho Carrossel Trio Star	26
Figura 18 - Trenzinho Carrossel Trio Star	26
Figura 19 - Minhocão da Alegria em Jaraguá do Sul -SC	26
Figura 20 - Trenzinho Camel Show	27
Figura 21 - Kukão em Itabuna-BA	27
Figura 22 - Trio Caravelas	27
Figura 23 - Trio Caravelas	28
Figura 24 - Trio Star pós reforma	28
Figura 25 - Trio Star pós reforma	28
Figura 26 - Trio Star pós reforma	28
Figura 27 - Cabine do DJ no Trio Star	29
Figura 28 - Paquitas do Trio Star	29
Figura 29 - Paquitas do Trio Star	29
Figura 30 - Paquitas do Trio Star	29
Figura 31 - Carreta Furacão e os personagens do meme	30
Figura 32 - Carreta Furacão e os personagens do meme	30
Figura 33 - Nave da Alegria pós reforma	30
Figura 34 - Garagem da empresa Carreta Furacão	30
Figura 35 - Making-of de “Rebolão! Mas sua Irmã Gosta”	31
Figura 36 - Orival Pessini	31
Figura 37 - Personagem Fonfon	32
Figura 38 - Power Rangers na Câmara Municipal de Fortaleza	32

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Figura 39 - Power Rangers na Câmara Municipal de Fortaleza	32
Figura 40 - Capa do vídeo “Rebolão! Mas sua Irmã Gosta”	33
Figura 41 - Manifestação dos Trenzinhos da Alegria	33
Figura 42 - Manifestação dos Trenzinhos da Alegria	33
Figura 43 - Manifestação dos Trenzinhos da Alegria	33
Figura 44 - Manifestação dos Trenzinhos da Alegria	33
Figura 45 - Foto retirada do Instagram da Carreta Fantasmão, de Ribeirão Preto	37
Figura 46 - Foto retirada do Instagram da Carreta Fantasmão, de Ribeirão Preto	37
Figura 47 - Foto retirada do Instagram do Trenzinho Start Diversões, de Ipatinga-MG	38
Figura 48 - Foto retirada do Instagram do Trenzinho Start Diversões, de Ipatinga-MG	38
Figura 49 - Máscara do Mario com logo da Lacoste	41
Figura 50 - Máscara do Chaves com cores do reggae e risquinho na sobrancelha	41
Figura 51 - Máscara do Maskára com logo da Nike no chapéu e risquinho na sobrancelha	41
Figura 52 - Máscara do Chaves com óculos juliet	41
Figura 53 - Máscara do Chaves com tatuagem no rosto e risquinho na sobrancelha	41
Figura 54 - Dançarino vestido de Chaves	42
Figura 55 - Dançarino vestido de Fonfon	42
Figura 56 - Dançarino vestido de Chaves	42
Figura 57 - Comentários retirados do vídeo original do meme	45
Figura 58 - Comentários retirados do vídeo original do meme	46
Figura 59 - Comentários retirados do vídeo original do meme	47
Figura 60 - Velório de um dançarino de Trenzinho da Alegria	48
Figura 61 - Captura de tela sobre ponto de embarque	49
Figura 62 - Captura de tela sobre ponto de embarque	49
Figura 63 - Eu em campo com personagens do Trenzinho Beach Bus Balada	52
Figura 64 - Eu em campo com personagens do Trenzinho Beach Bus Balada	52
Figura 65 - Eu em campo com personagens do Trenzinho Beach Bus Balada	52
Figura 66 - Carreta Mega Explosão de Caratinga-MG	55
Figura 67 - Fachada da empresa Tolomelli Star em 2025	56
Figura 68 - Modelo que inspirou os Trenzinhos da Alegria	57
Figura 69 - Trio Star em 2020	59
Figura 70 - Personagens pendurados no Trenzinho, da minha perspectiva	60
Figura 71 - Personagem dentro do Trenzinho interagindo com criança	61
Figura 72 - Barraquinha de máscaras de papelão	64
Figura 73 - Coreografia dos personagens	66

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

<b>Figura 74 - Final da apresentação na ilha</b>	<b>66</b>
<b>Figura 75 - Passeio em 2003</b>	<b>67</b>
<b>Figura 76 - Passeio em 2025</b>	<b>67</b>
<b>Figura 77 - Placa no começo da cidade</b>	<b>68</b>

# SUMÁRIO <sup>13</sup>

<b>1</b>	<b>Introdução</b>	14
----------	-------------------	----

<b>2</b>	<b>A história dos Trenzinhos da Alegria</b>	
	<i>Contada em imagens</i>	19

<b>3</b>	<b>As estéticas do evento</b>	35
	<i>.1 Uma visão de dentro</i>	40

<b>4</b>	<b>Campo</b>	44
	<i>.1 Trabalho de campo virtual</i>	45
	<i>.2 Trabalho de campo</i>	49
	.2.1 Guarulhos	49
	.2.2 Caraguatatuba	50
	.2.3 Governador Valadares	54

<b>5</b>	<b>Considerações finais</b>	70
----------	-----------------------------	----

	<b>Referências</b>	74
--	--------------------	----

# ***INTRODUÇÃO***

“Siga em frente, olhe para o lado  
 Se liga no mestiço na batida do cavaco  
 Siga em frente, olhe para o lado  
 Se liga no mestiço na batida do cavaco

Quero ver o som do Bob Marley sacudindo o partideiro  
 O reggae da Jamaica do embolada  
 Eu vou mostrar pro mundo inteiro  
 Mundo inteiro”<sup>1</sup>

Em agosto de 2010, foi postado um vídeo da apresentação de um Trenzinho da Alegria<sup>2</sup>, que acumula hoje, 15 milhões e meio de visualizações. No vídeo, integrantes da “Carreta Furacão” dançam a música “Vem dançar o Mestiço”, de Leandro Lehart, em frente a uma garagem, fantasiados de personagens infantis e super-heróis. A apresentação contava somente com a música de fundo, sendo ultrapassada por um som de microfone estourado e abafado, e uma coreografia muito bem ensaiada entre o grupo, que se alternava entre dançarem juntos e terem uma parte solo de cada personagem à frente dos demais. A simplicidade tanto das fantasias, quanto da qualidade da gravação, denota uma peculiaridade que popularizou esse meme.

Figura 1 - Captura de tela retirada do vídeo original do meme



Fonte: YouTube

Esse é o nascimento do conhecido meme “Trenzinho Carreta Furacão”. Os protagonistas são cinco dançarinos mascarados, personificando ícones estrangeiros populares comuns na televisão: Capitão América, Popeye e Mickey Mouse; e figuras clássicas do imaginário brasileiro: o Palhaço e o Fofão. Eles se jogam na dança, rebolam até o chão, transformam um balde em tambor e um violão quebrado em cavaquinho. O vídeo é marcado pelo inusitado contraste desses personagens com o

<sup>1</sup> Disponível em: [Vem dançar o mestiço - Leandro Lehart](#)

<sup>2</sup> Disponível em: [Trenzinho Carreta Furacão](#)

ritmo *sambapop* presente na música ao fundo.

Meu primeiro contato com o evento foi em 2016, com a “reviralização” do meme “Trenzinho Carreta Furacão” na internet, inicialmente postado em 2010, que após ficar famoso, tomou conta das redes sociais com *GIFs* e memes decorrentes do vídeo postado no YouTube pelo segurança da Carreta Furacão.

Como resultado da repercussão massiva, o meme obteve múltiplas paródias e remixes de fácil acesso no *YouTube* e em outras redes sociais, como o Facebook. Também se transformou em um aplicativo de jogo. A Carreta Furacão foi usada em uma campanha publicitária dos Postos Ipiranga, com as fantasias, a música do meme e a carreta que eles usavam durante as suas apresentações. O sucesso abriu espaço para programas de auditório nas maiores emissoras do país e a Carreta Furacão foi se disseminando na internet, se tornando nacionalmente conhecida.

Primeiramente, busquei entender o que é de fato a Carreta Furacão e a origem do meme. A Carreta Furacão é um tipo de trenzinho da alegria, criada em 2005, na cidade de Ribeirão Preto, em São Paulo, pela empresa de entretenimento e festas infantis Dominion. A pesquisa me mostrou que “Carreta Furacão” do meme nomeava um evento cultural muito maior, os trenzinhos da alegria. Estes, também conhecidos como “carretas da alegria”, são veículos de grande porte modificados para acomodar grupos de pessoas e realizar passeios, acompanhados de dançarinos fantasiados de personagens de desenhos infantis e heróis da mídia, ao som de música. Esse tipo de entretenimento itinerante é encontrado em vários lugares do país, apresentando diferentes modelos de personagens, fantasias e veículos.

O modelo surgiu em Minas Gerais nos anos 80, inicialmente com uma proposta mais modesta, oferecendo, para crianças, uma volta animada pela cidade. Com a passagem do tempo, o evento foi se transformando e hoje se trata do mesmo veículo modificado para passeio, com sistemas acoplados de *LEDs* e caixas de som que oportunizam uma experiência sensorial mais frenética.

Gabriel Mendes Dias, foi um estudante de Audiovisual no Centro Universitário Senac de São Paulo que dirigiu um curta-metragem documentário de 30 minutos intitulado “Rebolão! Mas sua Irmã Gosta!”. O filme retrata um pouco da realidade dos dançarinos dos Trenzinhos da Alegria em Ribeirão Preto. Ele explica a sensação causada pela chegada de uma Carreta da Alegria na cidade do interior de São Paulo, para um texto-ensaio de 2019, produzido para o jornal cultural *Na Garaca*: “um som ensurdecador chega cavalgando em um veículo com dois andares, cheio de luzes piscantes e dançarinos fantasiados pendurados”<sup>3</sup>.

Foi somente em 2022, que entrei em contato de novo com o evento, dessa vez com a notícia que carregava a manchete “Naruto do “Trenzinho da Alegria” é assassinado em tiroteio com traficantes.”<sup>4</sup>. Na mesma reportagem, o site apontava que no mês anterior (setembro de 2022), outra ocorrência violenta acontecera no evento, quando um adolescente de 16 anos foi baleado após confirmação de seu nome, mas

<sup>3</sup> Disponível em: <https://issuu.com/nagaraca/docs/garaca3edissu>

<sup>4</sup> Disponível em: <https://x.com/CrimesReais/status/1576958137751711744?lang=ar>

conseguiu sobreviver.

A maior fonte de acesso ao evento é a internet. Há vídeos que os próprios integrantes das carretas postam em formato de vlogs, compilados de imagens feitas por funcionários antigos dos trenzinhos e páginas do Instagram dedicadas a registrar historicamente a trajetória dessa atividade cultural. Com o andamento da pesquisa, fica evidente a riqueza de símbolos estéticos que podem ser identificados no evento, como elementos do estilo funk ostentação presente nas roupas e acessórios dos personagens. Símbolos estes, bastante recorrentes nos movimentos culturais das periferias, como no hip-hop e no funk (SILVA, 2024). A presença desses componentes estéticos marcaram a minha pesquisa sobre o tema e foram essenciais para a construção das hipóteses norteadoras desse trabalho, apresentadas mais adiante.

Outro fator que contribuiu para o meu interesse foi que o tema dos trenzinhos da alegria, como fenômeno cultural, não se encontra referenciado em trabalhos de nenhuma área de produção acadêmica, a não ser como referência ao sucesso virtual protagonizado pelo trenzinho “Carreta Furacão” em 2010. Ou seja, um dos dados mais claros que me foi apresentado sobre o evento, foi que a produção de conhecimento acadêmico não tem interesse sobre o tema. O único trabalho acadêmico encontrado, foi o Trabalho de Conclusão de Curso de Dias.

Durante a pesquisa que permeou esse trabalho, foram encontrados inúmeros temas que mereciam algum tipo de aprofundamento. Entre eles, a repercussão midiática do meme “Carreta Furacão”, recorrente nas reportagens sensacionalistas associadas ao evento ou nos memes oriundos do vídeo; e também a itinerância do evento, que se assemelhava à experiência nômade dos trabalhadores de circo. Porém, meu foco se voltava para a estética que os dançarinos carregavam desde o início da história dos Trenzinhos da Alegria, e que até hoje se molda ao contexto social em que está inserida.

Um dos objetivos da pesquisa, portanto, é analisar os processos de transformação do evento dos Trenzinhos da Alegria, desde sua criação, passando pelo impacto nacional do meme, até a configuração da existência do evento hoje. Além de contribuir para o acervo de produções acadêmicas sobre o tema, o trabalho registra, de forma escrita e imagética, a memória dos seus produtores, assim como mostra as dinâmicas sociais, culturais e econômicas que essa prática engendra.

Para compreender a dinâmica interna, foi realizada uma pesquisa de campo nas cidades de Caraguatatuba, litoral de São Paulo, assim como em Governador Valadares, no interior de Minas Gerais. Essa última, conhecida por ser a cidade onde surgiram os primeiros trenzinhos da alegria. Por meio dessa pesquisa, foi possível identificar como se organizam os fatos históricos que conformam o evento; qual o papel da estética periférica na conformação do fenômeno dos trenzinhos da alegria; de que forma se dá a construção da comunidade cultural de quem participa do evento; e como ele se diferencia das narrativas

construídas sobre ele.

O primeiro capítulo busca realizar um resgate histórico da trajetória dos Trenzinhos da Alegria, por meio de pesquisa nas comunidades virtuais que recuperam e produzem conteúdo sobre o tema. Desde os primeiros registros encontrados de sua criação, passa pelo aparecimento do meme e suas decorrências, até os eventos mais atuais, como a produção de mídias diversas relacionadas aos personagens e as carretas. Será apresentado um panorama histórico, traçando uma linha do tempo com os acontecimentos mais importantes.

Em seguida, o segundo capítulo visa a demonstrar como a chegada dos movimentos estéticos e musicais do hip-hop e do funk nas periferias brasileiras, tanto do Rio de Janeiro, quanto de São Paulo, tiveram forte influência nos elementos da estética periférica brasileira. Com esse aprofundamento contextual histórico, pode-se traçar um reconhecimento desses símbolos no evento estudado, visto que estão presentes nos seus componentes: máscaras, fantasias e música. Esses signos (correntinhas metálicas no pescoço, óculos *juliet*<sup>5</sup>, sobancelha chaveada, logotipo de marcas de grife, entre outros) são adicionados ao evento pelos seus participantes, criando uma cultura estética viva, que se molda e se transforma de acordo com seu contexto social.

Por fim, no terceiro capítulo, é traçada minha trajetória etnográfica no campo. Na internet, entro em contato com as diversas facetas virtuais do evento, entendendo o sensacionalismo leigo das mídias jornalísticas produzidas sobre o tema, e também observando os conteúdos produzidos por quem está dentro do fenômeno. Por meio destes recortes de informações virtuais, a chegada ao campo presencial da pesquisa, é feita com muito mais segurança. Em campo, me direciono ao litoral norte da capital paulista, onde participo de um passeio de Trenzinho pela primeira vez, e após conversar com um dançarino, percebo que preciso me direcionar para a origem do evento. Sigo para a cidade de Governador Valadares, pioneira no ramo, onde posso entrar em contato com o evento em uma cidade onde os Trenzinhos da Alegria existem há mais de 40 anos.

<sup>5</sup> Óculos espelhado e fino, comumente usado em bailes funk



***A história  
do evento***

***Contada em imagens***

Neste capítulo apresentarei uma linha do tempo imagética sobre as vicissitudes dos Trenzinhos da Alegria dos anos 80 até a atualidade. As mídias apresentadas aqui foram retiradas de fontes e arquivos objetivos sobre o tema. A intenção é criar um mosaico, onde se agrupam imagens e links encontrados em comunidades na internet que interagem com os Trenzinhos da Alegria de forma online. Esse mosaico se monta construtivamente, caminhando pelas marcas deixadas por pessoas que participaram do evento, com fotos, vídeos e relatos. A escolha dos conteúdos que ganharam espaço nesse capítulo foi baseada na estética do fenômeno visual dos Trenzinhos da Alegria. Como contribuição à imersão no tema, o capítulo segue um estilo gráfico específico, considerando a estética peculiar do evento, desde sua criação até os dias atuais.

A linha do tempo apoiou-se fortemente nos conteúdos compartilhados pela página de Instagram *Museu dos Trenzinhos*. O trabalho pioneiro da página une registros antigos do evento, encontrados em álbuns de fotos e relatos de quem já participou como equipe ou passageiro. Por meio de uma reportagem do *Diário do Rio Doce*, escrita por um dos editores da página, é traçada a história dos Trenzinhos na cidade de Governador Valadares desde a década de 80. A indagação feita é “Por que Governador Valadares não tem o título de Capital dos Trenzinhos da Alegria?”<sup>6</sup>. A resposta se baseia na hipótese de que se, na década de 80, existisse o acesso à internet e o alcance que ela proporciona hoje, talvez a cidade tivesse esse título.

Depois da leitura da reportagem, me direcionei para o Instagram e sofri o impacto de uma quantidade impressionante de registros históricos sobre o início do evento na região leste de Minas Gerais, muito bem preservados. Eles se agrupam em imagens escaneadas de câmeras analógicas e as postagens são sempre acompanhadas de legendas recheadas de informações e curiosidades, relatadas pelos participantes do evento na época. Foi por meio do contato com esse trabalho de reconstrução histórica, que essa linha do tempo se fez possível. De todas as fotos retiradas dessa fonte, algumas poderão ser identificadas pela marca d'água da página, outras, foram fornecidas por um dos produtores e serão devidamente referenciadas.

Junto aos conteúdos de registros antigos produzidos sobre o evento, encontrei também vídeos feitos por dançarinos e funcionários de carretas que rodam o Brasil atualmente. As fontes são muitas, mas destaco aqui os canais *Galáxia dos Trenzinhos*, *Lineker Rodrigues*, *Biririu* e *Hobbies Por Aí*, que reúnem, em suas contas, vídeos em formato de vlogs da rotina dos dançarinos; da escolha das fantasias para o dia de trabalho; das suas coleções pessoais de fantasias e máscaras do Trenzinho; dos ensaios das coreografias que acontecem muitas vezes em praças públicas; das personalidades extrovertidas; das brincadeiras frequentes; e de um sentimento de irmandade entre eles.

Outra fonte importante para a construção dessa linha do tempo foi o conjunto de cinco vídeos disponibilizados no YouTube pelo canal *Bia Trenzinho Star*

<sup>6</sup> Disponível em: [Por que Governador Valadares não tem o título de Capital dos Trenzinhos da Alegria?](#)

Infantil, que edita fotos e vídeos das apresentações dos Trenzinhos da Alegria Star, criações da Tolomelli Star, empresa de entretenimento infantil na época. Esses vídeos foram encontrados após extensa pesquisa dos conteúdos que eram produzidos sobre os Trenzinhos da Alegria na internet. Segue a descrição do vídeo:

“ATENDENDO a pedidos, de ex-funcionários (as) do Trenzinho Star, clientes e outros que se encontram hoje em vários países e também no Brasil, estaremos postando uma série de vídeos sobre a história do Trenzinho Star.” e confirma também “Os (as) jovens que trabalharam no trenzinho Star, hoje contribuem com suas funções de: advogados, empresários, enfermagem, publicidades, ator TV, locutor, cineasta e etc. Onde elogiam os aprendizados que tiveram no Trenzinho Star. Em nome da Rede Star agradecemos a todos que contribuíram para sucesso do Trenzinho Star. O nosso muito obrigado.”<sup>5</sup>.

A atmosfera criada nessa série de vídeos me fez entender de outra maneira o impacto e grandiosidade que esse evento tem na cidade de Governador Valadares. Abriu as portas de uma nostalgia que não era minha, mas das pessoas que se envolveram com esse fenômeno, observada pelos comentários nos vídeos, recheados de saudades e confirmada pelos registros dos Trenzinhos da época, explodindo de gente. Os dois primeiros vídeos da série de 5 partes, juntam somente os registros fotográficos da época, acompanhados de músicas infantis dos anos 80/90 tocando no fundo do vídeo, trazendo uma percepção também sonora do evento. Os outros registros, são compostos de vídeos feitos em gravadoras e possuem efeitos estéticos característicos de gravações feitas nesse tipo de câmera, como os chiados e texturas presentes na imagem. Os vídeos contam com uma sonorização ambiente, corroborando para uma imersão completa nesses registros históricos. A capa do primeiro vídeo postado nesse formato se tornou a primeira foto dessa linha do tempo. As demais estarão referenciadas em legendas. Abaixo a linha do tempo:

Figura 2 - Paquitas e personagens na década de 80



Fonte: [YouTube](#)

## ★ Década de 80 ★

Figura 3 - Empresa Tolomelli Star em 2013



Fonte: Google Maps

**1979**

Criação da empresa de entretenimento infantil Tolomelli Star

Figura 4 - Fofão sentado em cima do Trenzinho Espresso da Alegria

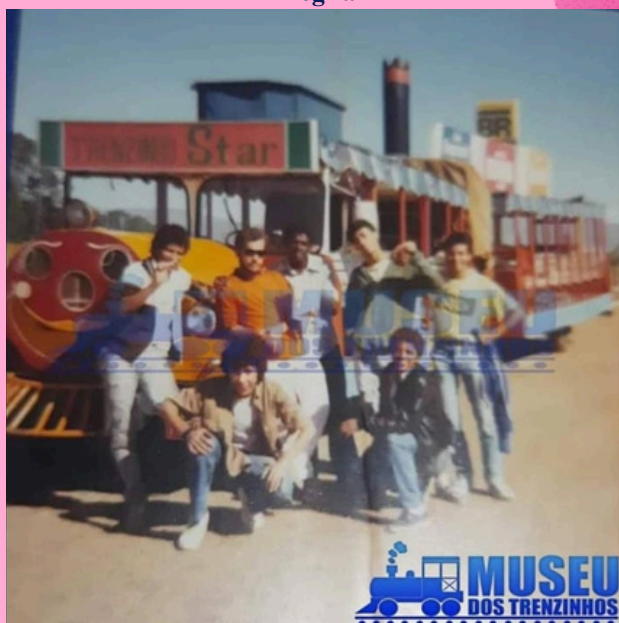


Fonte: Museu dos Trenzinhos

**1980**

Criação da Carreta Expresso da Alegria, que seguia o formato de um trem Maria Fumaça

Figura 5 - Funcionários do Trenzinho Expresso da Alegria



Fonte: Instagram

Figura 6 - Funcionários do Trenzinho Expresso da Alegria



Fonte: Museu dos Trenzinhos

Figura 7 - Trenzinho Minhocão da Alegria



Fonte: Instagram

**1981**

Criação do Trenzinho Minhocão da Alegria

Figura 8 - Funcionário sentado em cima do Trenzinho Kukão da Alegria



Fonte: Instagram

**1983**

Criação do Trenzinho Kukão

O terceiro carro da empresa Star tinha sua estrutura baseada na personagem Cuca, personagem da obra infantil de Monteiro Lobato, Sítio do Pica-pau Amarelo, exibido pela Rede Globo no ano de 1977

Figura 9 - Trenzinho Kukão da Alegria



Fonte: Museu dos Trenzinhos

Figura 10, 11 e 12 - Nave da Alegria e Baleia

**1983**

### Criação da Carreta Nave da Alegria e Baleia

Esse Trenzinho da Alegria foi o primeiro do estilo “Barco” a ser construído e possuía um reboque, conhecido como “Baleia”.



Fonte: [Fotos Antigas e Atuais de Governador Valadares](#)



Fonte: Museu dos Trenzinhos

Seus funcionários trajavam uniformes de marinheiros e foi o primeiro a ter “Paquitas”, o carro andava com uma moça trajada de marinheira que acompanhava os passeios na frente do veículo, dançando



Fonte: [Fotos Antigas e Atuais de Governador Valadares](#)

De **1983** a **1989** as carretas viajavam para outros estados, como Bahia, Espírito Santo, São Paulo e Rio de Janeiro

Figura 13 e 14- Fila para embarcar nos Trenzinhos da Alegria



Fonte: [YouTube](#)

A imagem ao lado mostra o Trenzinho Minhocão da alegria no fundo da foto, rodeado por uma multidão de pessoas, registro de 1985

Figura 15 - Minhocão da Alegria em Campos-RJ



Fonte: Museu dos Trenzinhos

### **Ano desconhecido (1983-1986)**

Trenzinho Minhocão viaja para Ribeirão Preto, SP

Figura 16 - Anúncio do Minhocão em Ribeirão Preto

**TRENZINHO DA ALEGRIA**

Chegou em Ribeirão Preto o Trenzinho da Alegria Star. Venha dar um passeio na companhia de figuras caracterizadas de **FOFAO, MICKEY, PATO DONALD, KUKA** e outros. Embarque e desembarque na **Praça Rômulo Morandi, (rua Luiz Barreto), nos Campos Elisios**. Sábados e feriados das 14 às 22 horas e domingo das 9 às 22 horas.

O Museu dos Trenzinhos teve acesso à foto de uma publicidade da década de 80, comprovando que os trenzinhos da empresa Rede Star, chegaram a Ribeirão Preto-SP e inspiraram a criação dos veículos na cidade.

Segundo um antigo funcionário da empresa Star, os Trenzinhos Star motivaram um antigo comerciante da localidade, a fazer o trenzinho “Camell Show”, o primeiro da cidade.

Chegou em Ribeirão Preto o Trenzinho da Alegria Star. Venha dar um passeio na companhia de figuras caracterizadas de **FOFAO, MICKEY, PATO DONALD, KUKA** e outros. Embarque e desembarque na **Praça Rômulo Morandi, (rua Luiz Barreto), nos Campos Elisios**. Sábados e feriados das 14 às 22 horas e domingo das 9 às 22 horas.

Fonte: Museu dos Trenzinhos

Figura 17 e 18 - Carrossel Trio Star



**1985**

Criação do Carrossel Trio Star

Os registros são de 1986, durante sua vida, o carro passou por diversas versões e reformas

O Trenzinho da Alegria Carrossel Trio Star foi inovador para sua época, com seu letreiro feito com um conjunto de lâmpadas incandescentes, com o nome STAR



Fonte: [YouTube](#)

Figura 19 - Minhocão da Alegria em Jaraguá do Sul em 1986



Fonte: Instagram

**1986**

Carreta Minhocão da Alegria é vendida para Santa Catarina

Pouco se sabia da venda do segundo carro da empresa Rede Star, até um resgate feito pela página do Museu dos Trenzinhos, onde foi descoberto que o carro foi vendido para Jaraguá do Sul, cidade litorânea de Santa Catarina

## ★ Década de 90 ★

### **Ano desconhecido (1986 - 1993)**

Criação do primeiro Trenzinho da Alegria da cidade de Ribeirão Preto, o Camell Show

Durante a mesma época, pode-se registrar a fabricação do carro da Carreta Furacão, sem localização exata, com as hipóteses da fabricação sendo em Carmo do Paraíba-MG e Franca-SP

Figura 20 - Trenzinho Camel Show



Fonte: Instagram

Figura 21 - Kukão em Itabuna-BA



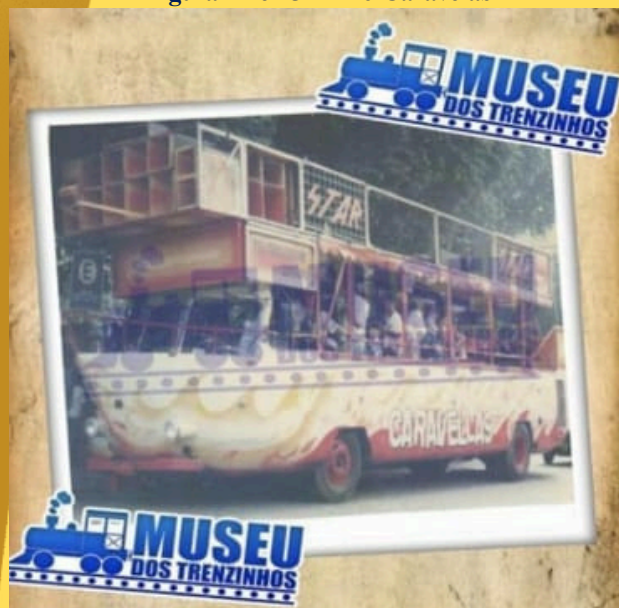
Fonte: Instagram

### **1992**

Trenzinho da Alegria Kukão é vendido para Itabuna, na Bahia

Os funcionários eram caracterizados fazendo associação a fantasia da Cuca

Figura 22 e 23 - Trio Caravelas



Trio Caravelas (ano desconhecido)

### **Ano desconhecido (1993-1996)**

Nave da Alegria passa por uma reforma e vira o Trio Caravelas



Fonte: Instagram

Por meados dos anos 90 o Trenzinho Nave da Alegria passou por uma transição para trio elétrico, pela demanda de organizar um bloco de carnaval de rua, o Trenzinho passou a ter pinturas de fogo na lataria, em referência ao nome do “Bloco Pegando Fogo”, hoje conhecido como GV Folia

Figura 24, 25 e 26 - Trio Star pós reforma



**1996**  
Novo formato do Trio Star



No fundo, pode-se notar o totem de embarque, em forma de cogumelo

A frente, atrás e nas laterais do Trenzinho foram instalados vários faróis de milha programados para girarem em direção as casas, ou dos personagens para imitar os jogos de luzes usados em programas de TV e shows

Nessa reforma, o teto do Trenzinho da Alegria Trio Star foi pintado de preto e foram inseridos alguns jogos de luzes semelhantes às discotecas da época, no intuito do andar de cima parecer uma balada móvel. Na faixa, se lê: “Nossa eterna gratidão ao povo que abrilhanta nossas festividades”



Fonte: Youtube

Figura 27 - Cabine do DJ no Trio Star



Fonte: YouTube

A garupa dianteira que antes era aberta ao público, se tornou espaço do DJ. Equipamentos de última geração para a época foram adaptados ao trenzinho, marcando a era em que o trenzinho deixava de usar fita cassete com playlists gravadas e passaria a tocar tudo ao vivo.

**1999**

Última geração de paquitas

As paquitas eram parte da trupe dos Trenzinhos da Alegria desde a criação da Nave da Alegria

Figura 28,29 e 30 - Paquitas do Trio Star



Após a reforma do Trio, surgiu uma nova geração de Paquitas, um anúncio de seleção saiu no jornal local e trouxe inúmeras candidatas. Suas roupas imitavam o estilo dos programas “Planeta Xuxa” e “Xuxa Hits”

As apresentações e roupas variaram bastante durante os anos em que as paquitas trabalhavam nos Trenzinhos da Alegria, após a última geração de paquitas elas ainda voltaram em 2015, mas só teve continuidade até 2017

Fonte: [YouTube](#)

## ★ 2000 - 2010 ★

Figura 31 e 32 - Carreta Furacão e os personagens do meme



**2005**

Criação do Trenzinho da Alegria Carreta Furacão



Figura 33 - Nave da Alegria pós reforma



Fonte: Instagram

Fonte: Folha de S. Paulo

**2006**

Trenzinho Nave da Alegria é vendida para Timóteo-MG e ganha nova pintura

Figura 34 - Garagem da empresa Carreta Furacão



Fonte: Além do meme

**2010**

O vídeo “Trenzinho Carreta Furacão” é postado no YouTube

## ★ 2010 - 2020 ★

**2011**

Criação da Associação dos Trenzinhos em Ribeirão Preto

No mesmo ano, a empresa Dominionum patenteia o nome “Carreta Furacão” para evitar plágio e uso indevido do nome da empresa

Figura 35 - Making-of de “Rebolão! Mas sua Irmã Gosta”



Fonte: [Rebolão! Mas sua Irmã Gosta - Facebook](#)

**2015**

Início das gravações do documentário feito para TCC, “Rebolão! mas sua irmã gosta”

Figura 36 - Orival Pessini

**2016**

Morte do criador do personagem Fofão, Orival Pessini (1944-2016)

Durante sua vida, Orival Pessini também criou outros personagens, os que ficaram mais famosos foram Patropi, Ranulfo Pereira e Macaco Sócrates.

O criador deixou um pedido de destruição de todos os seus personagens após sua morte, todas as formas de gesso usadas foram quebradas e todo o resto do material incinerado



Fonte: Google Imagens

Figura 37 - Personagem Fonfon



Fonte: [Instagram](#)

Depois de sua morte, foi proibido o uso indevido da imagem do Fofão. Como resposta, para seguir utilizando o personagem, a Dominium mudou a fantasia, aumentou os cabelos vermelhos de lã e o renomeou como Fonfon.

### **2019 (Fevereiro)**

**Audiência pública para regulamentar a atividade dos Trenzinhos da Alegria em Fortaleza**

o Ministério Público pediu a paralisação imediata dos trenzinhos por falta de regulamentação e possível risco para a segurança dos passageiros, sob pena de multa diária de R\$ 10 mil pelo descumprimento.

Figura 38 e 39 - Power Rangers na Câmara Municipal de Fortaleza



Fonte: Instagram oficial da Câmara Municipal de Fortaleza

Os donos das empresas e funcionários dos Trenzinhos da Alegria se manifestaram e afirmaram que com a regularização da atividade, os órgãos de fiscalização do trânsito definiriam os critérios de segurança e atividade poderia continuar

A audiência foi marcada após uma polêmica envolvendo um acidente com um Trenzinho da Alegria da região, ele derrapou e tombou durante um passeio, deixando feridos

Figura 40 - Capa do vídeo “Rebolão! Mas sua Irmã Gosta”

**2019 (Março)**

Documentário “Rebolão! Mas sua Irmã Gosta” fica disponível no YouTube

O vídeo do curta-metragem acumula hoje 927.490 visualizações e 13 mil curtidas na plataforma



Fonte: YouTube

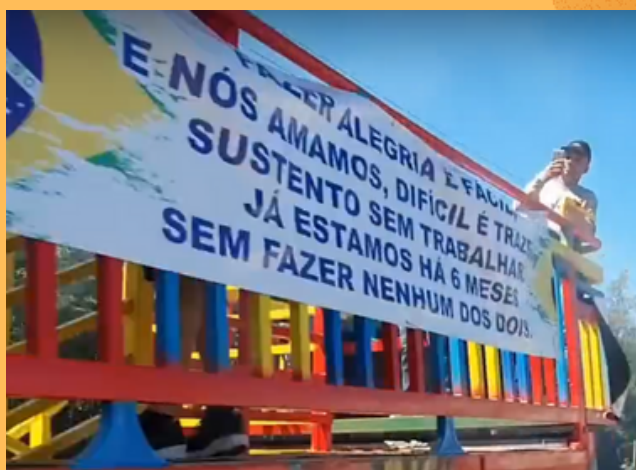
★ 2020 - 2025 ★

Figura 41, 42, 43 e 44 - Manifestação dos Trenzinhos da Alegria

**2020 (Agosto)**

Manifestação dos Trenzinhos da Alegria em Ipatinga-MG

Trenzinhos da Alegria se reuniram em uma manifestação pacífica na cidade de Ipatinga, durante a pandemia de COVID-19, a pauta era que a classe pudesse ter alguma representação política e voltar a trabalhar

Fonte: [Canal Hobbies por Aí](#)

Na placa se lê: “Trazer alegria é fácil e nós amamos, difícil é trazer sustento sem trabalhar, já estamos há 6 meses sem fazer nenhum dos dois”

Durante a pandemia a atividade dos trenzinhos parou, sem regulamentação ou legislações, as pessoas envolvidas só pararam de trabalhar

Fonte: [Canal do Luizinho](#)

**2020 (Dezembro)**

Resolução da CONTRAN sobre a regulamentação nacional dos Trenzinhos da Alegria

A resolução define os veículos que ela contempla, dando os requisitos para sua circulação e dispõe de uma série de autorizações para os veículos rodarem nas ruas

O documento foi emitido pelo Ministério da Infraestrutura e pelo Conselho Nacional de Trânsito. Disponível em: [Resolução CONTRAN nº813, de 15 de dezembro de 2020](#)

**2022**

Proibição do uso da imagem do “Fonfon”

O Tribunal de Justiça de São Paulo decidiu que a Carreta Furacão estaria proibida de explorar a imagem do personagem "Fonfon" nos passeios da Carreta. Além disso, o grupo pagou R\$ 70 mil de indenização por danos morais à família de Orival Pessini.

Nos documentos do processo, a Carreta Furacão argumentou que não houve plágio, por se tratar de uma paródia caricata, o que não violava as leis de direitos autorais.

O juiz ainda determinou que fotografias publicadas com a roupa fossem apagadas das redes sociais. Foi definido uma multa de R\$ 2 mil em caso de descumprimento das regras.

**2024**

Contrato de licenciamento exclusivo sobre todos os direitos relacionados ao personagem Fofão para a empresa Carreta Furacão

A empresa fez um post em seu Instagram anunciando sua exclusividade com a imagem do Fofão e a publicação repercutiu negativamente, com comentários de funcionários, personagens e frequentadores de outros Trenzinhos criticando a decisão. A empresa afirma que qualquer uso do personagem fora do contexto oficial da Carreta Furacão não é autorizado. Os comentários da publicação foram desativados.



***AS ESTÉTICAS  
DO EVENTO***

Diante da análise das imagens da linha do tempo, foi possível perceber a inclusão de elementos estéticos diversos, correspondentes a cada momento dessa história. No início, a estética das fantasias dos trenzinhos da alegria era marcada pela fidedignidade. Os artistas incorporavam traços característicos da atitude dos personagens, que dialogava com uma fantasia sem alterações estéticas sobre sua aparência. Esse esforço pode ser confirmado nos discursos de quem praticava a ocupação na época, como descreve um dançarino que trabalhou de 1982 a 1998 para a Rede Star, em uma entrevista feita para o *Diário do Rio Doce*<sup>7</sup>:

“Por onde ele (Trenzinho da Alegria) passava ele arrastava as pessoas de dentro de casa e aqueles personagens como Cuca, Olívia Palito, Mickey, Pateta, Turma da Mônica, Fofão, deixavam as crianças radiantes. Havia muita interação nesses passeios. A gente que trabalhou assistia muito os programas e desenhos desses personagens para na hora do trenzinho rodar fazer algumas brincadeiras que eram características. A nossa missão era agradar essas crianças.”

Na década de 80, as máscaras tinham um molde maior e projetado para frente, sendo também mais pesadas, porque os personagens ainda não corriam, dançavam ou faziam acrobacias nas ruas durante os passeios. Ainda hoje, alguns dançarinos colecionam essas máscaras mais antigas, mas elas se tornaram inviáveis para os tipos de passeios feitos nos trenzinhos atualmente. Os moldes foram se adaptando com o tempo e deixando de ser fabricados um a um, se tornando um produto feito em fábricas com moldes de aço, possibilitando uma produção maior. Na época da viralização do “Carreta Furacão” (2010), as máscaras tinham uma escala menor, já que as paquitas não eram um componente nos trenzinhos da alegria em Ribeirão Preto e os personagens precisavam de mais conforto e segurança dentro das máscaras para dançar e correr pelas ruas ao lado da carreta.

Depois do meme e sua rápida disseminação pela internet, os Trenzinhos da Alegria acabaram definidos pela imagem do “Fofão da Carreta Furacão”, dando mortal nos muros da cidade. Essa imagem foi tão reproduzida que acabou se misturando às imagens dos Fofões de outras carretas da alegria que adotaram o mascote muito antes, como as mineiras. As ruas e carretas mostradas nos vídeos eram diferentes, mas isso não importava. Havendo um personagem com cabelos de lã ou roupa de cetim correndo nas ruas, ele já se encaixava no modelo do que as pessoas interpretavam como “Carreta Furacão”. Essa reprodução do evento foi transformando tudo que se incorporava como Trenzinho da Alegria, em somente “Carreta Furacão”. A fusão de conceitos e imagens deu espaço para os personagens desenvolverem traços próprios.

Não demorou muito tempo para os Fofões que rodam a internet ganharem longos cabelos, ora azuis, ora vermelhos, com roupas de cetim coloridas e chamativas. Os Fofões sempre foram acompanhados de personagens, que agora também ganhavam a mesma estética, alinhados, executando os mesmos passos sincronizados, usando um estilo característico de fantasias e máscaras,

<sup>7</sup> Disponível em: [Trenzinhos da Alegria são tradição em Governador Valadares há mais de 40 anos - Diário do Rio Doce](#)

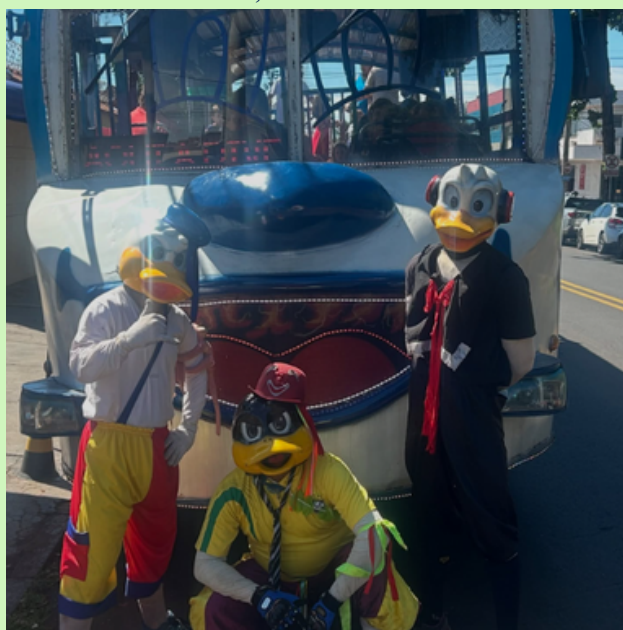
eles podiam ser identificados como parte de uma estética própria, a dos Trenzinhos da Alegria.

A estética foi se adaptando às tendências culturais e incorporando signos de estéticas alternativas, adicionados na imagem que o evento já tinha. Quanto mais os Trenzinhos da Alegria iam se afastando da imagem do Fofão do meme, outra estética ia nascendo, uma ampliação que podia ainda ser erroneamente interpretada como “Carreta Furacão” se olhada de longe, mas ao analisar seus detalhes, se percebe uma infinidade de símbolos recorrentes adicionados ao evento, que o transformam no que ele é hoje. Os símbolos não são sempre os mesmos e podem se observar alterações referentes aos locais que se encontram os Trenzinhos. Em Ribeirão Preto, por exemplo, as máscaras e fantasias têm um estilo próprio: fitas amarradas nas máscaras e nos dançarinos; roupas bastante estampadas e justas, nem sempre fazendo referência à máscara escolhida; camisetas de time; e gravatas soltas nos pescoços dos personagens. É um estilo único recheado de informações visuais.

Figura 45e 46 - Foto retirada do Instagram da Carreta Fantasmão, de Ribeirão Preto



Fonte: Instagram



Fonte: Instagram

Em Minas Gerais, a imagem construída é outra. Os dançarinos usam roupas de cetim, macacões ou calças bem largas, grandes camisas de manga comprida e uma fita usada como cinto. As fantasias têm uma combinação de cores sólidas e estampas que ficam a critério do dançarino, mas geralmente seguem inspiração da paleta de cores dos personagens representados pelas máscaras. Outro símbolo característico das fantasias na região de Minas, aparecendo com cada vez mais frequência na pesquisa, foi a correntinha metálica em volta do pescoço dos personagens. Às vezes também, havia a presença de um logotipo de marca nas fantasias, como: Cyclone, Lacoste, Nike, Oakley e outras menos recorrentes. As cores típicas do movimento musical reggae apareciam bastante também, expressas nas

perucas, estampas das roupas ou até nos acessórios que os personagens carregavam.

Os símbolos recorrentes, como as correntinhas, as marcas estampadas e até outros não citados aqui, são os mesmos adotados pela estética da ostentação, do movimento funk. Para aprofundar essa análise, o movimento musical do funk será entendido a partir da sua chegada nas periferias e das influências estilísticas geradas por ele.

Figura 47 e 48 - Foto retirada do Instagram do Trenzinho Start Diversões, de Ipatinga-MG



Fonte: Instagram



Fonte: Instagram

O objetivo deste capítulo não é monopolizar ou reduzir a variedade e a pluralidade do universo de elementos estéticos que circulam e transitam nas periferias do Brasil, a somente um recorte a ser utilizado para análise nesta pesquisa. Para tanto, será mobilizada uma definição do termo “estética periférica”, com a ajuda da autora Lidiane Oliveira Da Silva, em seu trabalho *A estética periférica nos corpos vestidos: a ostentação das marcas justapostas no fazer ser*, onde, em um esforço para definir o objetivo do seu trabalho, apresenta os parâmetros entendidos por essa pesquisa como definição do recorte de “estética periférica”: “(...) manifestações discursivas que se caracterizam em seus arranjos enunciativos, temáticos, figurativos e plásticos e na estruturação narrativa por uma estética da ostentação.” (SILVA, 2024)

Hoje, através do acesso difundido pelas redes sociais e compartilhamento de mídias, é comum a familiarização com elementos que remetem à ideia da construção da identidade periférica. Músicas, como o hip-hop e o funk; danças, como diversas vertentes do “passinho foda”<sup>8</sup>; símbolos nas vestimentas, como óculos *juliet*, marcas de grife, correntes e pulseiras metálicas; estilos de cabelo; sobrelha chaveada; entre outras escolhas estilísticas, podem ser utilizadas como forma de afirmação da própria identidade periférica. Para explicar a relação da conformação de uma estética periférica com os movimentos musicais citados, busca-se estabelecer um contexto histórico da chegada e criação do hip-hop e funk no país.

O movimento hip-hop, vindo do bairro Bronx em Nova York, chegou ao Brasil no início da década de 1980 e se estabeleceu principalmente nas periferias de São Paulo. O hip-hop brasileiro emergiu como resposta à exclusão social, à marginalização dos jovens periféricos e à extrema violência presente nas favelas nesse período. Locais

<sup>8</sup> Estilo de dança que tem origem nos bailes funk cariocas e se destaca pelas coreografias com movimentos corporais acelerados que mesclam elementos de outras expressões culturais como frevo, samba, hip-hop e capoeira. Disponível em: [Passinho - Dicionário de Favelas Marielle Franco](#)

como a Galeria 24 de Maio e a estação São Bento do metrô de São Paulo, tornaram-se pontos de encontro para dançarinos de break e MCs, que utilizavam a música e a dança como formas de resistência e afirmação das suas identidades. Essas manifestações culturais configuraram-se como linguagem de denúncia da desigualdade e da repressão policial:

O hip-hop e suas manifestações, principalmente o rap, mas também o grafite e o break, desempenharam papel fundamental para a exaltação dos atributos e da cultura típica dos moradores da periferia e para a criação de uma identidade própria que dialogava fortemente com a realidade concreta desses sujeitos (Fontes, 2021, p. 91)

Paralelamente, o funk carioca, considerado a vertente pioneira do funk no Brasil, também surgiu nos anos 80 nas periferias do Rio de Janeiro, ocupando espaços de lazer como os bailes funk e difundindo-se como um fenômeno musical e cultural que representava as vivências das comunidades periféricas. Segundo o autor Luciano Fontes, na sua análise sobre a formação e as transformações nas identidades de moradores das periferias de São Paulo nas últimas décadas, o funk consolidou-se durante os anos 90 como uma narrativa musical marcada pela denúncia das condições de violência urbana, racismo e exclusão social, fortalecendo-se como ferramenta de resistência e afirmação.

Tanto a cultura do hip-hop quanto a do funk, impulsionaram o surgimento de uma estética periférica marcada pela apropriação simbólica e visual dos espaços urbanos. Além da música, há vestimentas, acessórios e intervenções corporais que visam construir visibilidade e singularidade nos corpos periféricos, como explica a autora Lidiane Oliveira Da Silva.

Os sujeitos periféricos se dão visibilidade pela aparência marcada pelo uso de vestimentas e calçados de marcas (...), uso excessivo de acessórios diversos de joalheria, estilo esmerado dos cortes de cabelos e múltiplas tatuagens, com o propósito de os singularizar na sua coletiva construção identitária. (SILVA, 2024)

Nesse sentido, elementos como a sobancelha chaveada<sup>9</sup>, a exposição ostensiva de correntes no pescoço e o uso de marcas de grife são significados centrais da estética conhecida como “ostentação”. Silvio Essinger, em *Batidão: A história do funk*, descreve a vertente musical do funk ostentação como uma expressão cultural que traduz a vontade de visibilidade, ascensão social simbólica e afirmação de pertencimento periférico, principalmente entre os jovens.

A vertente “funk ostentação” surgiu por volta de 2008 e se popularizou em São Paulo e Santos, especialmente nas periferias e apresenta canções sobre carros de luxo, joias, mulheres, bebidas alcoólicas, festas sem limites e marcas de roupas como Lacoste, Nike e outras. Essa simbologia atua como marca simbólica e um meio para disputar reconhecimento fora das periferias. A ostentação das marcas não é somente consumismo, mas uma forma de “singularização coletiva”, onde o corpo vestido e adornado se transforma em mídia social e instrumento de disputa e resistência

<sup>9</sup> Tipo de sobancelha com um formato específico, caracterizado por um “chaveamento” ou angulação acentuada na região do arco da sobancelha

simbólica.

É possível afirmar que a constituição da identidade periférica contemporânea está intimamente ligada à estética que emerge do movimento hip-hop e do funk ostentação. Esse processo representa uma transformação das antigas identidades de classe que se estruturavam sobre o trabalho formal, para identidades que se constroem a partir da circulação da cultura, do consumo simbólico e da exibição estética dos corpos (FONTES, 2021). Segundo o autor Stuart Hall, no texto *Notas sobre a desconstrução do 'popular'*: “Ao colocar-se como representante de um modo de vida próprio da periferia, o que abarca comportamentos, valores, práticas, linguajares, modos de se vestir, visões de mundo, essa cultura periférica se coloca em luta com a “cultura dominante”.

### 3.1 UMA VISÃO DE DENTRO

O fenômeno cultural dos Trenzinhos da Alegria expressa contundentemente a identidade e estética periféricas atuais, sendo possível observar esses signos nas máscaras, figurinos dos personagens clássicos que representam o evento, como Fofão, Máskara, Chaves, Mário e Luigi, sendo ressignificados por meio da presença de símbolos da estética periférica. A mistura entre cultura popular infantil e expressões periféricas manifesta um processo em que a apropriação simbólica reafirma a identidade coletiva e o pertencimento ao universo dos Trenzinhos da Alegria.

As expressões periféricas são parte essencial do que é o evento hoje, algo que fica evidente ao se analisar os figurinos utilizados pelos dançarinos por meio de registros nas redes sociais (*Tiktok* e *Instagram*), onde em vídeos no formato de “arrume-se comigo”, mostram o passo-a-passo da sua transformação em personagem.

A máscara constitui um elemento visual central no fenômeno estudado. Esse artefato é fundamental para a construção da identidade do personagem representado pelo dançarino. Ao mesmo tempo que mantém sua forma literal, uma vez que é confeccionada em resina a partir de moldes de aço, a máscara também se transforma por meio das cores e dos detalhes da pintura. Estes, por sua vez, são determinados pela escolha do artista responsável pela confecção da máscara e pelas demandas dos dançarinos que as encomendam. As máscaras e fantasias que revestem os dançarinos dos pés à cabeça foram um elemento crucial para o evento ser reproduzido em uma escala tão ampla: qualquer um pode ser o Fofão, cada um à sua maneira.

A partir do artifício da personalização, os elementos da estética periférica, como já definida, estão sempre presentes. Nas máscaras, isso pode ser visto, a partir dos detalhes como sobancelha chaveada, tatuagens no rosto e a presença de logos de marcas como Nike, Lacoste, Oakley entre outros. Essa customização também

funciona para a construção de uma identificação própria com o personagem, como visto na mudança de cores das perucas ou acessórios da máscara, ajudando a manter a identidade do dançarino, sob o personagem.

Figura 49



Fonte: Facebook

Figura 50



Fonte: Facebook

Figura 51

Fonte: Mercado  
Livre

Figura 52



Fonte: Facebook

Figura 53



Fonte: Facebook

Com algumas exceções, como o Fofão e o Palhacinho, as máscaras são inspiradas em heróis e personagens internacionais, acompanhando as tendências e mídias populares do momento. Dentro do evento dos Trenzinhos da Alegria, essa inspiração não é considerada plágio, o objetivo de representar esses personagens, não se constitui como uma cópia ou emulação dessas influências estrangeiras. As imagens, vindas de fora, são consumidas e ressignificadas. Cada contexto nacional atribui uma existência diferente do que é, quando é concebido longe daqui. Mesmo estudando as qualidades originais de cada criação, o que surge é outra coisa. Não é o estrangeiro que vende seu produto a um mundo sem face, o que surge aqui é próprio, nosso e irremediavelmente novo.

O contexto dos Trenzinhos em Ribeirão Preto, por exemplo, entende bem esse processo. A máscara do pato preto de bico amarelo não é o Patolino, mas sim o “PatoLouco”, nomeando algo que já tinha um nome, redescobrimo a redescoberta, o nome foi inspirado em um homem embaixo da máscara e do personagem, conhecido por ser muito louco em suas acrobacias e danças pela cidade, quando seguia o Trenzinho. A dona da fábrica de máscaras de resina e fibra de vidro, em entrevista para um podcast<sup>10</sup>, explica que cada personagem é fruto de uma demanda, de uma vontade de redescobrir e reinventar algo que já existe. E as máscaras, cada uma delas, não se referem a personagens das aventuras dos Looney Tunes, nos EUA, do Mario e do Luigi, no Japão, ou da Turma do Chaves, no México. Cada um deles é personagem das suas próprias aventuras, não só em Ribeirão Preto, mas no Brasil inteiro, criando histórias e personagens da turma dos Trenzinhos da Alegria. Não é cópia ou plágio, é antropofágico, como explica Oswald de Andrade: “Contra a Memória fonte do costume. A experiência pessoal renovada” (ANDRADE, 1928)

As fantasias também são elementos constituintes da visualidade dos personagens, que vieram se adaptando com a evolução do fenômeno, se tornando uma

<sup>10</sup> Disponível em: [Além do Meme](#)

mescla entre o que é representado e quem está representando. Tudo começa com uma vestimenta térmica, que se cobre com uma calça de cetim larga, geralmente com o nome do personagem acompanhando a extensão da perna, com elástico na cintura e no tornozelo, às vezes em formato de macacão. Na parte de cima, uma larga camiseta, também de cetim, que se prende no meio dos braços, é colocada dentro da calça, presa com um cinto de fita. A depender do personagem, a fantasia muda minimamente, como na do Fofão, que além do macacão, se utiliza de luvas de pompom e pedaleiras, pompons de lã para os pés, com espuma para acomodar o tênis.

As fantasias contam, hoje, com a adição de elementos da estética periférica, como a presença de correntes metálicas, as cores do reggae, óculos *juliet* e referências imagéticas a marcas de grife, frequentemente observadas quando analisados vídeos feitos pelos participantes do evento em redes sociais, mas sendo de escolha estilística do dançarino ou conforme o contexto da apresentação, como será desenvolvido nas considerações feitas em campo.

Figura 54 - Dançarino vestido de Chaves



Fonte: Tikok

Figura 55 - Dançarino vestido de Fofon



Fonte: Instagram

Figura 56 - Dançarino vestido de Chaves



Fonte: Instagram

Assim, os Trenzinhos da Alegria podem funcionar, como explorado até agora, como espaços itinerantes de produção, circulação e visibilidade da estética periférica, combinando o elemento central do entretenimento infantil e da festa, performance e resistência simbólica. Cada fantasia e personagem passam a incorporar signos estéticos de pertencimento e de poder distintivo, alinhados à tradição do hip-hop e à ascensão social expressa pelo funk ostentação, traduzindo a multiplicidade de vozes e corpos que compõem as periferias brasileiras, dentro do evento dos Trenzinhos da Alegria.

A chegada dos elementos da estética periférica no evento, demonstra como os Trenzinhos da Alegria, integrantes da cultura popular e tradicional brasileira, sentem alterações ao longo do tempo, assim como experimentaram fortes influências

estéticas com a chegada do hip-hop e do funk nas periferias do Brasil, considerando que as alterações na vida das pessoas que conformam o evento, o modificam, como explica o autor José Cantor Magnani:

“A mudança de uma vestimenta, a substituição de um instrumento ou a adaptação de um antigo costume são vistos como sintomas da progressiva diluição das tradições populares. É, pois, uma visão estática e “museológica”, que encerra a cultura como um acervo de produtos acabados e cristalizados, alheios às mudanças das condições de vida de seus portadores” (MAGNANI, 2003, p. 18)



***TRABALHO  
DE CAMPO***

A escolha metodológica para esse capítulo parte da combinação de diferentes fontes e formatos de dados: entrevistas, registros fotográficos, filmagens e, também, da análise de conteúdos digitais produzidos pela imprensa e por participantes do evento. Em conjunto com o trabalho de campo feito nas cidades de Guarulhos–SP, Caraguatatuba–SP, e Governador Valadares–MG. Assim, o trabalho não se limita a uma só forma de experiência, valoriza tanto o acompanhamento presencial quanto as interações e construções coletivas presentes no ambiente virtual. Cada etapa do trabalho de campo foi pensada para dialogar com contextos e perspectivas distintas, permitindo uma compreensão mais rica e integrada do fenômeno estudado.

O primeiro movimento de aproximação com o evento se deu de forma online. Antes mesmo de presenciar o acontecimento, mergulhei em reportagens, perfis das redes sociais dos dançarinos, vídeos e depoimentos registrados por quem faz parte desse universo. Esse trajeto virtual foi fundamental para entender como o evento se apresenta e repercute nas mídias digitais e como seus participantes constroem coletivamente os sentidos dessa vivência. Durante essa etapa, percebi que as narrativas circulam de maneira dinâmica. As informações coletadas serviram para mapear tendências, reconhecer narrativas recorrentes e identificar pontos de tensão ou destaque, fornecendo base para as perguntas e olhares que conduziram o trabalho de campo presencial.

A etapa seguinte envolveu o deslocamento até os locais onde o evento acontece, para poder entender de perto os processos, os desafios e as facetas do fenômeno. Essa dimensão presencial complementou os aprendizados do ambiente virtual, mostrando como o evento existe para além das redes sociais e ocupa o território de diferentes formas, ampliando o entendimento sobre sua existência e influência.

#### 4.1 -TRABALHO DE CAMPO VIRTUAL

A trajetória da minha relação virtual do evento se deu inicialmente pelo contato com o meme em 2016, me colocando no mesmo patamar das pessoas que ficaram impressionadas com o inusitado vídeo dos personagens rebolando até o chão, ao som de um *sambapop*. Como todo meme e conteúdos que viralizam na internet, o Carreta Furacão surfou sua onda “memética” e depois virou maré, mas deixou sua marca, representando um momento icônico da internet brasileira e sua adoção de mascotes. O Carreta Furacão representava o Brasil.

Figura 57, 58 e 59 - Comentários retirados do vídeo original do meme

Esse vídeo é a representação do Brasil em forma de arte, eu acho que quando qualquer gringo viesse para cá, deveriam mostrar esse vídeo de boas vindas no aeroporto.

Esse deveria se tornar oficialmente o hino do Brasil

Isso aqui é o suco delicioso do Brasil!  
Isso tem que ser patrimônio nacional!!!!

Fonte: YouTube

Considerando a explosão do fenômeno, a empresa dona da Carreta Furacão patenteou o nome em 2011, e posteriormente entrou na justiça, estabelecendo alguns processos contra outras carretas espalhadas pelo Brasil, que divulgavam seu trabalho como sendo a própria Carreta Furacão.

A Carreta Furacão é o carro-chefe na frota de cinco trenzinhos mantidos na empresa, montada em 2005. Depois do sucesso do meme, o trenzinho parou de ser um entretenimento exclusivamente infantil e começou a abarcar outros públicos. Em 2020, nem na rua a carreta rodava mais, se dedicando somente a reservas para festas particulares, principalmente universitárias. Foi também em 2020, que a carreta percorreu o Brasil com uma turnê nacional, passando em diversas localidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Espirito Santo.

Com base em investigação do repórter do jornal *Papel Pop*, Felipe Dantas, pode-se afirmar que em 2020, contratar a carreta para uma festa, custava R\$ 30.000,00. Essa mesma reportagem, contém uma entrevista com os donos do trenzinho, na qual não revelam quanto pagam aos dançarinos e nem permitem que o repórter entreviste os mesmos, caracterizados ou não. Os donos afirmam “É proibido falar, nós não queremos que fale, o personagem não fala, é intérprete”.

Essa dificuldade de contato tanto com proprietários de carretas da alegria, dançarinos e pessoas que participam do evento em Ribeirão Preto, também permeou a realização do Trabalho de Conclusão de Curso de Gabriel Mendes, diretor do documentário “Rebolão! Mas sua Irmã Gosta”, no qual ele registra em 40 minutos de filme, a rotina dos dançarinos dos trenzinhos da alegria locais: *Trem Trio Balada*, *Trenzinho dos Gêmeos*, *Trio Sensação e Barulhão*, *Foguete da Alegria* e *Trio Big Folia*. O estudante conta que o contato com os personagens ribeirões-pretanos era sempre permeado por ansiedade e desconfiança.

O trabalho citado acima apareceu no começo das minhas investigações da existência do evento online, na procura por trabalhos acadêmicos que abarcassem o tema. Foram encontrados somente este e alguns outros que não tratavam diretamente de explorar o universo do trenzinho da alegria, mas sim, mencionar o fenômeno, todas as vezes, referenciado como meme e não como manifestação cultural: “[...] um grupo de animadores de festas infantis que usam personagens variados que são populares com as crianças [...] (PAIVA, 2019)” e também:

“[...] crianças que “trabalham” dançando nos “trenzinhos” em toda a cidade. Essa prática ficou muito conhecida e procurada (principalmente em festas infantis) depois do sucesso da “Carreta Furacão”, o que levou diversas pessoas a procurarem seus e outros serviços semelhantes. Assim, esse mercado cresceu, e levou as crianças consigo dançando fantasiadas de diferentes personagens. As cores quentes [presentes no grafite usado de referência] podem sugerir a alegria em tal ação, pois mesmo “recebendo” (ou não) muito pouco, essas crianças estão dispostas a sair em dias (principalmente finais de semana) à noite para “trabalhar” se divertindo [...] (SANTOS; BORGES, 2019)”

A partir dessa perspectiva, é de suma importância a realização dessa pesquisa de campo, que tem como motivação, também, a preservação da memória cultural deste fenômeno popular, presente em diversas cidades ao redor do Brasil, girando uma economia própria e construindo comunidades, tanto por quem trabalha nos trezinhos quanto por quem os frequenta como atividade de lazer.

No trabalho de Dias<sup>11</sup>, eu entrei em contato com o que era a vida dos dançarinos de trezinhos da alegria em Ribeirão Preto. São chamados de “rebolões”, nome com conotação negativa, utilizado para definir alguém como uma pessoa sem futuro, vagabundo, “que só pensa em dançar no trezinho”. A partir do documentário, pode-se observar a variação do evento para além da imagem criada na internet.

Ao mesmo tempo, me deparei com inúmeros casos de acidentes envolvendo atropelamento e ferimentos dos dançarinos e de quem frequentava o evento, que enchiam as reportagens de jornais locais e até nacionais. Eram sempre linhas gerais, sem muitos nomes ou especificações. O nome da carreta raramente era citado e a identidade dos dançarinos nunca revelada. Essas notícias não fizeram sentido para mim, considerando que a imagem construída do evento era a de símbolo de festa nacional. Como eu nunca entrei em contato com isso? Como ninguém estava falando sobre? Era algo normal?

Em uma dessas reportagens, a vítima foi um jovem de 22 anos que interpretava um Fofão em um Trezinho da Alegria em Santa Catarina e foi morto de madrugada enquanto estava em casa. Perguntaram pelo seu nome na porta e quando atendeu, foi baleado. O que me chamou atenção nesse caso específico, além de seu contexto violento, foram as fotos do velório desse jovem, que demonstraram que mesmo sua morte não sendo associada ao evento dos Trezinhos da Alegria, sua vida foi.

<sup>11</sup> Disponível em: [Rebolão! Mas sua Irmã Gosta | Filme Oficial Completo](#)

Figura 60 - Velório de um dançarino de Trenzinho da Alegria



Continuar minha investigação pela internet foi se tornando cada vez mais difícil, considerando que os recortes virtuais sobre o evento, geralmente reportagens, sempre usavam o nome “Carreta Furacão” ao se referir a outras carretas e divulgavam as mesmas informações: mortes, acidentes e meme. Foi quando encontrei a reportagem do jornal *Diário do Rio Doce*, contando a versão mineira dessa história, com dados, fotos e datas de acontecimentos de 40 anos atrás e citando a página “Museu dos Trenzinhos” do Instagram.

Quanto mais a pesquisa se desenvolvia, mais a história desse evento cultural fazia sentido, me mostrando que os Trenzinhos da Alegria tiveram origem no estado de Minas Gerais na década de 80, a partir de quatro carretas modificadas feitas pela mesma empresa de entretenimento infantil na cidade de Governador Valadares (ver linha do tempo). As marcas dessa época estão espalhadas pelos arquivos físicos de pessoas que registraram o evento e pela internet, preservados em vídeos, fotos e relatos. Foi a partir desse estudo visual que o interesse para pensar a estética que esse evento cultural carrega surgiu, ao perceber que os signos da estética periférica vistos até agora, são algo novo, não presentes nesses registros antigos.

Depois da descoberta do mundo dos Trenzinhos em Minas Gerais, o evento se mostrou de outra forma: páginas dedicadas a registrar a sua história; comunidades virtuais de trocas e vendas de máscaras e fantasias; vlogs de dançarinos mostrando sua rotina em cidades do interior do Brasil inteiro; perfis no Instagram de crianças que têm como hobby a fabricação de máscaras de papel e miniaturas de papelão das suas carretas favoritas (com direito a sistemas de LED); a avassaladora quantidade de empresas e carretas da alegria nas redes sociais. Estava tudo lá, bem escondido por trás do nome gigantesco que ofuscava o evento: “Carreta Furacão”

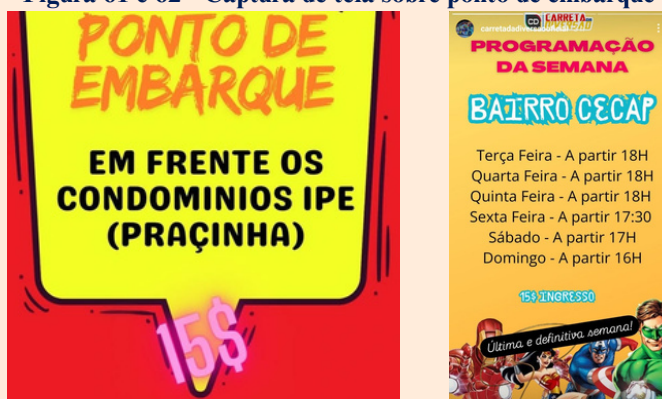
## 4.2 TRABALHO DE CAMPO

### 4.2.1 Guarulhos

Na mescla de informações virtuais coletadas com a necessidade de entrar em contato com o evento, comecei a pesquisar carretas que estivessem acessíveis para a minha localidade, na grande São Paulo. Com cada carreta tendo um nome único e sendo um evento itinerante, quando finalmente encontrava o perfil de uma carreta, raramente conseguia descobrir onde ela estava rodando no momento. Em São Paulo capital, não havia nenhuma, geralmente as carretas estavam em alguma cidade do interior do Brasil, ou se preparando para ir para outra.

Minha estratégia foi encontrar as carretas e segui-las nas redes sociais, acompanhando as postagens e itinerâncias do evento. Em novembro de 2024, uma delas postou um storie divulgando que estaria vindo para a cidade de Guarulhos, município da cidade de São Paulo. Era a oportunidade de ter o primeiro contato com o evento, considerando que nunca tinha entrado em um Trenzinho da Alegria. As informações contidas na postagem eram “Bairro CECAP” e “Ponto de embarque: em frente aos Condomínios Ipe (Praçinha)”.

Figura 61 e 62 - Captura de tela sobre ponto de embarque



Fonte: Instagram

Sem conseguir achar nenhum Condomínio Ipê no bairro CECAP pelo Google Maps, decidi fazer meu caminho pelas praças da cidade. No caminho, perguntei para moradores e transeuntes sobre o endereço e o evento. Como não consegui nenhuma informação consistente, cheguei à conclusão que não iria encontrar o Trenzinho da Alegria.

### 4.2.2 Caraguatatuba

Após a tentativa frustrada de encontrar o evento próximo à minha cidade, me deparei com a oportunidade de conhecer um Trenzinho da Alegria um pouco mais distante. Durante pesquisas na internet, descobri que a cidade de

Caraguatatuba, no litoral norte de São Paulo, tinha seu próprio estilo de Trenzinho, na forma de um ônibus articulado todo modificado.

Programei a viagem para um fim de semana do mês de fevereiro de 2025. Numa quinta-feira, dia 13/02, cheguei em Caraguatatuba e recebi informações que o Trenzinho ficava junto a um parque de diversões, na orla da praia. Mais tarde naquele dia, choveu e o parque de diversões não abriu, a carreta não rodou.

Decidi ligar para o parque de diversões, onde ficava o ponto de embarque do Trenzinho, para ver se iriam abrir e se o Trenzinho iria rodar, mas eles me informaram que o parque e o Trenzinho eram duas coisas independentes e me passaram o contato do dono do “Beach Bus Balada”.

Mandei uma mensagem me apresentando e perguntando se poderíamos conversar, ele me disse que no dia seguinte eles rodariam na frente do parque de diversões e que se eu quisesse ir, seria sua convidada e poderia, em suas palavras, entrevistá-lo, entrevistar os personagens e fazer minha “matéria” lá.

Tentei explicar minhas intenções de pesquisa e meus interesses de visitar os Trenzinhos, participar do evento e falar com as pessoas envolvidas indiretamente, como quem fabrica as fantasias e as máscaras. Expliquei que adoraria visitar os veículos, e se possível, participar de algum ensaio dos personagens e conversar com eles em algum horário fora do expediente. O dono do Trenzinho, então, me explicou sobre seu funcionamento, dizendo que eles não tinham mais ensaio, pois são feitos na baixa temporada. Ele me diz que a partir daquela semana, rodariam somente sábado e domingo, mas que até a semana anterior eles estavam rodando a partir de quinta-feira.

No sábado (15/02), fui visitar o passeio do Trenzinho, que acontecia na avenida da orla. Uma roda gigante brilhava na orla com luzes coloridas, acompanhada de mais luzes. Um parque de diversões inteiro: montanha-russa, chapéu-mexicano e incontáveis barraquinhas de comida preenchiam a avenida da praia do centro de Caraguatatuba. Eram 18h45min quando os postes da avenida se acenderam, e quase como um aviso, vejo vindo do outro lado da avenida um ônibus todo enfeitado de luzes de LED piscantes e grafites coloridos de personagens infantis, tocando alto algum remix versão brega funk de uma música internacional<sup>12</sup>.

O Trenzinho estacionou do lado da avenida onde se localizava a roda gigante, bem no começo do parque e, imediatamente após estacionar, os dançarinos que o ônibus trouxe começaram uma coreografia de preparação de ambiente, onde todos sabiam exatamente o seu papel e o executavam com uma despreocupação e naturalidade imensa. Eram ao total 9 integrantes: o dono da carreta e duas mulheres uniformizadas com o nome “Beach Bus Balada” estampado em uma camiseta preta, 5 meninos de não mais de 18, 19 anos, de roupas casuais, andando que nem formigas trabalhando, para dentro e para fora do ônibus colorido. Conversavam entre si, e andavam pela calçada enquanto tiravam naturalmente passinhos sincronizados com o som alto que saía dos alto-falantes do veículo. No meio da preparação, pessoas

<sup>12</sup> Disponível em: [O ônibus](#)

paravam na avenida para tirar foto com o ônibus, enquanto os funcionários do Trenzinho pareciam estar em outro mundo, montando a tenda para compra de ingressos e conversando uns com os outros.

Durante 25 minutos, os meninos iam tirando suas vestimentas casuais e dando espaço para os personagens: blusa térmica, legging, calção, camisa de cetim e por fim, as inconfundíveis máscaras que identificam dois Fofões, um Chaves, um Kiko de correntinha prata e um Goku, também de corrente no pescoço, juntamente com um Homem-Aranha, que usava um boné para trás. Já vestidos, pipocavam para fora do ônibus, preenchendo as calçadas com danças sincronizadas e tirando fotos com famílias e crianças.

O dono do Trenzinho, com quem eu tinha conversado um dia antes, se aproximou de mim em um momento menos frenético e se apresentou, falando que estava resfriado e que não ia conseguir falar muito comigo. Apontou para o Chaves que, neste momento estava sentado em cima do teto do ônibus, e falou: “Ah, e aquele ali é meu gerente”, num tom sério. Ele esclareceu que o ônibus ia começar a rodar e eu me apressei para comprar um ingresso.

Com ingresso comprado, me direcionei para garantir um lugar dentro do ônibus articulado colorido e barulhento. Sentei bem na frente, virada de costas para o motorista. O ônibus por dentro era todo modificado, com a quantidade de assentos diminuída, com um grande corredor no meio delimitado por luzes de LEDs coladas no teto. Às 19h30min o ônibus saiu com 4 personagens. Um dos Fofões ficou na calçada de embarque, para tirar fotos e como chamariz para atrair quem passasse na avenida da praia.

O motorista, também dono do Trenzinho, narrava todo o trajeto com um microfone, apresentando inicialmente os personagens, enquanto eles faziam acrobacias dentro do ônibus, se pendurando de cabeça para baixo, fazendo graça e dançando.

A primeira parada foi em uma ponte da avenida, onde todos os personagens fingiam que se jogavam, mas se penduravam de ponta cabeça nas barras de segurança. Enquanto o ônibus fazia o retorno para trocar de sentido na avenida, os personagens se dividiam em uma coreografia na calçada. Já no outro lado, o motorista anunciou: “E agora o Chaves, dando um mortal de 5 metros para Isis do TCC!”, o menino se preparou e se jogou para trás, dando um mortal e caindo agachado no chão.

No decorrer da avenida, se viam lojas e restaurantes locais, enquanto o locutor fazia propagandas: “O melhor churrasco é aqui” ou “O melhor sorvete da cidade”, chamando os funcionários dos lugares pelo nome no seu microfone e dando boa noite para os donos dos estabelecimentos, enquanto os personagens corriam na rua e interagiam com os clientes. Mais para frente na avenida foi apresentado José Paulo<sup>13</sup>, um menino de 12 anos, vestido com a fantasia completa do Chapolin, com direito a máscara de fibra e tudo, se juntou aos outros personagens e eles dançaram em

<sup>13</sup> Os nomes citados não correspondem aos nomes reais das pessoas envolvidas na pesquisa por questões de privacidade

um cruzamento da avenida. Logo depois, um homem que andava pela rua chegou e se juntou a eles<sup>14</sup>.

Uma quadra para frente, após encontrar José Paulo, o motorista apresentou a avó do menino, que acenou da calçada, enquanto os passageiros do ônibus acenavam de volta para a senhora. O Trenzinho seguiu com acrobacias do Fofão e do Chaves, e deixou todos os personagens no último restaurante daquele lado da avenida, antes de fazer o retorno para o outro lado. Quando os personagens voltaram para dentro do Trenzinho, foi liberado um momento para sessão de fotos dentro do ônibus em movimento, até ele voltar para o local de embarque original.

O primeiro passeio acabou por volta das 20h e quando o ônibus colorido estacionou na calçada da avenida pôde-se ver mais de 50 pessoas esperando para entrar no próximo passeio, tirando fotos com o Fofão que ficou no local de embarque. Desci da carreta e consegui tirar algumas fotos com os personagens, antes deles saírem para sua segunda volta, com o ônibus lotado de gente de toda idade. Enquanto o Trenzinho fazia o mesmo trajeto rodando a avenida, observei o Fofão que ficou, conversando e tirando fotos com as crianças que já chegavam correndo e pedindo abraço. Quando o ônibus finaliza a segunda volta às 21h, me despeço do dono do ônibus, dos meninos e vou embora.

Figura 63, 64 e 65 - Eu em campo com os personagens do Trenzinho Beach Bus Balada



Fonte: Arquivo pessoal

No domingo, a carreta chegou na orla 19h10min com a equipe reduzida, de quatro personagens e uma ambientação e movimentação muito mais tranquila. Depois dos 20 minutos de preparação, de dentro do trenzinho saiu uma menina de não mais de 16 anos, que no dia anterior, ficava do lado do motorista e me entregou dois ingressos avisando que o dono da carreta está muito ruim do resfriado e não vai conseguir conversar, mas que mandou um ingresso cortesia.

Com o ingresso em mãos, esperando e observando a movimentação, o dono da carreta me apresentou a um Fofão e disse que eu poderia fazer minhas

<sup>14</sup> Disponível em: [José Paulo, o homem aleatório e os personagens](#)

perguntas para ele. A conversa foi breve e turbulenta, ele tentava lembrar nomes e contatos que poderiam me ajudar na minha pesquisa, como se puxando referências de seus arquivos mentais, enquanto crianças pulavam nele, pediam para ele dar mortal e chegavam pedindo foto. Interrompida inúmeras vezes, foi muito difícil captar as informações com clareza embaixo de uma máscara de fibra de vidro e entre crianças também querendo saber coisas sobre o personagem. Ele me relatou que trabalhava em um carrinho de pipoca com seu pai na avenida da praia e sempre participou do movimento do Trenzinho, disse que ficava mais tempo com o Trenzinho do que no carrinho de pipoca, desde criança.

Quando perguntei a idade dos meninos que trabalhavam como personagens, ele me disse que o mais velho tinha 21 anos. Perguntei sobre o registro trabalhista dele e ele definiu como um “bico” e justificou que não era registrado, pois trabalhava só aos fins de semana, assim podia também ter um trabalho formal. Ele me disse o que sabia sobre a história dos Trenzinhos e pudemos conversar dos conhecimentos que já eu tinha, baseados na minha pesquisa virtual, como: o início do evento em Minas e a página Museu dos Trenzinhos.

Perguntei das roupas, se eram oferecidas pela empresa ou eram próprias e ele disse ter coleção de máscaras em casa, com algumas antigas que ele nem usava pra trabalhar, mas comprou para completar a coleção mesmo. Falei da minha dificuldade para encontrar carretas em São Paulo e ele disse ser assim mesmo, mas que em Ubatuba, o pessoal do Trenzinho sabia muita coisa, por virem de Minas Gerais.

Ao perguntar sobre a organização dos dançarinos, ele falou da união dos personagens e da equipe do Trenzinho. Perguntei se eles se consideravam uma família, pelo tempo que passavam juntos e ele diz: “é família, mas não é família”. Compartilhou que antigamente os meninos faziam por amor, mas depois da pandemia mudou, agora só fazem por “mídia”, por fama. Ele confessou que o menorzinho, José Paulo, fazia por “mídia” e nem recebia nada para estar lá, disse que nesse ramo o social valia muito: “é muito fácil para arranjar namorada, tem gente que faz só por isso”.

A primeira volta do ônibus saiu às 19h30min comigo dentro, agora sentada na parte de trás do veículo. A ordem do passeio se repetiu, mas sem a avó do João Pedro dessa vez. Quando encostamos na avenida da praia depois do passeio, agradei imensamente o Fofão do Beach Bus Balada. Despedi-me de todos agradecendo a disponibilidade e me encaminhei para o ponto de ônibus da avenida, meu ônibus demorou tanto que consegui presenciar a segunda volta inteira do Trenzinho e eles empacotando as coisas para ir para o evento da igreja. Quando passaram na frente do ponto que eu estava, buzinaaram e acenaram.

Durante a segunda-feira, tentei contato com o dono do Trenzinho para verificar a possibilidade de nos encontrarmos para podermos conversar fora do horário de trabalho do trenzinho, mas ele justificou estar muito mal do resfriado e não poder me receber para conversar. Fui embora na terça-feira de manhã<sup>15</sup>.

<sup>15</sup> Disponível em: [Caraguatatuba](#)

### 4.3.3 Governador Valadares

Após minha experiência em Caraguatatuba, primeira vez que consegui acessar o evento, percebi como poderia ser importante visitar uma cidade onde os Trenzinhos da Alegria fossem uma realidade cultural abundante. Minhas opções se fechavam entre três cidades, como indicaram minhas pesquisas: Ribeirão Preto, no interior de São Paulo, tendo em vista o objetivo de poder frequentar Trenzinhos da Alegria na origem da Carreta Furacão; Governador Valadares, no vale do Rio Doce, considerando a tradição que o evento tem na cidade; e Ubatuba, no litoral norte de São Paulo, buscando histórias do Trenzinho que veio de Minas Gerais e como isso afetou o evento naquele local.

A experiência em Caraguatatuba me proporcionou um contato real com o meu objeto de estudo e a fala do Fofão sobre as influências mais tradicionais vindas de Minas Gerais, me indicavam que o campo com mais presença do evento seria Governador Valadares. Assim, com o apoio financeiro da UNILA pelo Programa de Apoio ao Discente em Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, foi-me concedida uma bolsa para a realização da viagem de campo.

A metodologia dessa investigação, contou com uma pesquisa quantitativa de campo, de cunho etnográfico, onde foram realizadas entrevistas com quem trabalha e participa do evento, além da captação de filmagens e fotografias, por meio da participação em passeios de duas empresas de Trenzinhos diferentes: *Expresso da Alegria* e *Conexão da Alegria*. Para auxílio com o resgate histórico do evento, foi escolhido investigar, também, a atividade da empresa *Tolomelli Star*, em atividade desde o início da década de 80.

Buscando observar as variações do evento, além de participar de um passeio noturno do Trenzinho, também foi realizado um passeio matutino, vendido como sendo para um público infantil. Foi possível conhecer o aspecto operacional/organizacional do evento e a rotina dos trabalhadores envolvidos. O desejo era, também, visitar as garagens dos Trenzinhos. Desta forma, foram quatro dias (14/05 a 19/05) em pesquisa de campo na cidade de Governador Valadares, no mês de maio, seguido da análise do material coletado e escrita da monografia.

Alguns dias antes da viagem, entrei em contato com os Trenzinhos da Alegria citados e me apresentei, explicando minha pesquisa e consultando a disponibilidade deles para participar do projeto. Mostraram-se receptivos, fornecendo todas as informações necessárias e me convidando para participar dos seus passeios.

Era dia 14/05/2025 e eu já estava no ônibus em direção a Governador Valadares, quando o contato que eu tinha da carreta “Conexão da Alegria”, me mandou mensagem e ela me informou que não conseguiria meu acesso ao galpão “por ser um ambiente mais restrito, predominantemente masculino, não é permitido a entrada de mulheres no local” em suas palavras.

Na cidade de Caratinga, vizinha de Governador Valadares, vi o Trenzinho “Mega Explosão”, original de Caratinga, estacionada em um posto de gasolina abandonado. O evento se mostra muito forte na região do vale do Rio Doce, em Minas Gerais, uma coisa que faz parte da realidade de Governador Valadares e cidades vizinhas. Por estar no ônibus em movimento e ela estar muito longe, não consegui tirar foto do Trenzinho, mas deixo um registro do seu Instagram oficial:

Figura 66 - Carreta Mega Explosão de Caratinga-MG



Fonte: Instagram

Andando pela cidade de Governador Valadares, na noite na quinta-feira (15/05), quando cheguei na cidade, parei na praça central da cidade, “Praça dos Pioneiros”, e presenciei a chegada do Trenzinho “Conexão da Alegria”. A dona do bar da praça, depois que falei da minha pesquisa, disse que o Trenzinho estaciona lá toda quinta-feira e domingo, e os públicos de cada dia são bem diferentes. No domingo, as famílias vêm da igreja e embarcam juntas no Trenzinho, como um passeio de família mesmo; mas de quinta, os pais sentam no bar e deixam as crianças andar sozinhas.

Na sexta-feira, durante o dia, fui em direção ao galpão do Trenzinho da Alegria Tolomelli Star, a 10 quadras de distância da *kitnet* que estava acomodada. Em um bairro não muito distante do centro da cidade, em meio aos comércios locais, encontrei um portão de mais de 2 metros em um muro cinza com glitter, embaixo de uma faixa escrito “Tollomeli Star”. O galpão era uma oficina de remarcação de chassi e motor, mas ao olhar para dentro vi que abrigava o gigante Trio Star, a primeira Carreta da Alegria feita no Brasil, completamente escura e empoeirada.

Figura 67 - Fachada da empresa Tolomelli Star em 2025



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Sem sinal de pessoas no galpão, decidi perguntar nos arredores informações sobre aquele espaço. Na padaria do outro lado da rua, encontrei duas mulheres e perguntei sobre a movimentação do galpão e se elas sabiam algo sobre o Trenzinho. Uma delas me disse que aparentemente o Trio Star não roda há 2 anos e que ninguém sabe muito sobre a parada de atividade repentina. Quando falei da minha pesquisa, elas abriram um sorriso e falaram que não existe comparativo que se iguale aos Trenzinhos de Governador Valadares, e que quando o Trio Star rodava, era só em bairro de luxo, uma coisa chique, que não é como agora. Sobre o dono dos Trenzinhos, elas disseram que ele nunca saía do galpão e nem falava com ninguém, mas por voltas das 13h chegaria um rapaz, funcionário do galpão, e eu poderia tentar conversar com ele.

Quando deu o horário, um rapaz chegou, com não mais que 17 anos. Eu me apresentei, e perguntei se teria como eu falar com o dono do Trenzinho. Ele fez uma ligação rápida no galpão e pediu para eu voltar lá depois para poder conversar com o Reinaldo, o dono do Trenzinho. Chegando lá, encontrei o único outro homem além do funcionário que já tinha conversado e perguntei se poderíamos falar. Ele respondeu afirmativamente, e colocou duas cadeiras para nós.

A primeira coisa que expliquei para Reinaldo é que não era jornalista e não estava lá para fazer uma matéria de jornal, esclareci que fazia mediação cultural e viajei de São Paulo porque o movimento popular dos Trenzinhos da Alegria me interessava e eu considerava um movimento muito importante culturalmente, listei para ele que meu interesse era por questões como: início do movimento, de onde veio a ideia, quem eram as pessoas envolvidas, etc.

A conversa começou com ele explicando de onde veio a ideia para a construção dos Trenzinhos da Alegria, e afirmou existir um modelo simples com um sino que rodava nas ruas da cidade. Foi daí que veio a inspiração para a construção de um novo modelo, que contava com equipamentos de som, personagens e paquitas para entreter o público. O sucesso foi grande e a partir da demanda, eram construídos mais vagões para serem acoplados na carroceria principal.

Figura 68 - Modelo que inspirou os Trenzinhos da Alegria



Fonte: Google Imagens

Na tentativa de construir uma carreta da alegria de dois andares, explicou que foram utilizados cerca de 3 caminhões desmanchados e remontados para virar o Trio Star, que rodou as ruas até 2020. Por meio dessas experiências, deu vida aos Trenzinhos Minhocão da Alegria, Kukão da Alegria e Nave da Alegria e Baleia (ver linha do tempo). À medida que ficavam prontos e faziam sucesso, eram enviados para fazerem rotas itinerantes em outros estados como São Paulo e Rio de Janeiro. Após anos com as carretas rodando nas ruas, começou a vender os trenzinhos para diversos estados (ver linha do tempo).

O dono da empresa alegou pioneirismo na ideia dos trios elétricos pelo Brasil, afirmando que até os primeiros trios elétricos de Salvador foram inspirados em suas criações. Explicou também que, com a fama do seu negócio, foi ganhando muito dinheiro, rodando com as carretas nas ruas, fazendo festas particulares e campanhas políticas. Na sua opinião, a qualidade dos serviços dos Trenzinhos da Alegria pioraram, em comparação com a época que sua empresa de entretenimento ainda estava ativa. Quando ele fala, fica um ar de hierarquização de qualidade do evento, implicando que quando ele era responsável pela produção, existia uma preocupação com a qualidade de tudo, que hoje não há.

“(…) Na época ganhei muito dinheiro, agora depois começaram a surgir umas versões do trenzinho, (…) naquele tempo tinha mão de obra fácil, hoje não tá muito fácil não. Mas fui fazendo coisa de qualidade, roupa de qualidade, aí surgiram algumas versões aí que não prestavam muita atenção na qualidade, né? (…) Ai os funcionários meus começaram a fazer, aí fazia, mas não fazia com aquele capricho, queria mais é correr atrás do dinheiro. Muitos vieram para ganhar dinheiro”

Durante a conversa, Reinaldo admite que não frequenta os Trenzinhos da Alegria, porque não gosta e não é seu tipo de entretenimento. Explica também que é contra a utilização do funk nos passeios dos Trenzinhos, assumindo que este estilo musical aproximaria pessoas perigosas do evento. Essa fala deixou em evidência a mudança nas escolhas musicais que eram utilizadas antes e as que podem ser observadas atualmente:

“(...) Eu não compro ingresso para o trenzinho, não gosto, o que eu tenho que fazer é agradar o cliente, mas eu não compro. Eu falo para uns DJ, tem uma meia dúzia de pessoa que fica parecendo que é todo mundo, mas não é todo mundo, que diz assim ‘ah, toca funk’, não tenho nada contra funk, mas se você tocar funk, puxa um pessoal meio bravo, armado, entendeu? Ai as mães pedem para não tocar funk, então não adianta ser meu gosto, tem que ser o gosto do cliente”

Já no fim da conversa, antes dele deixar eu entrar no Trio Star, ele explicou como a tendência a ser seguida era aumentar o número de atrações: mais luzes, mais equipamentos de som, mais vagões para abarcar mais público, de forma que o próprio produto se tornava a propaganda, com seu público alvo sendo as crianças, ele afirmou: “Quanto mais eu colocar atração melhor, então tinha o som, (...) tinha o trenzinho e tinha os personagens, então eu nem precisava fazer propaganda, não era o pai que levava a criança, era a criança que levava o pai”.

Todas essas inovações geram uma demanda muito grande de diversos serviços, girando uma economia própria, empregando desde profissionais envolvidos com a dinâmica dos passeios, como dançarinos, vendedores de ingressos, motoristas, seguranças, passando por profissionais envolvidos na produção como costureiras, técnicos de luz e som, pintores, mecânicos e fabricantes de máscaras, até pessoas que trabalham ao redor do evento, como artistas independentes que vendem máscaras de papel e miniaturas das carretas e profissionais autônomos que vendem seus produtos onde o Trenzinho circula.

Nosso último tópico de conversa, foi o meu pedido para visitar o Trio Star, estacionado no fim do galpão, alcançando até o teto com seus dois andares. O Trenzinho tinha um visual fantástico, espelhos de bola de disco que cobriam toda a carreta do caminhão, hoje opacos pela camada de pó, um letreiro inteiramente feito de LEDs, com a palavra STAR na frente do capô, e acima dos faróis uma gigante estrela também de LEDs. Foi muito interessante pensar no impacto que esse gigante tinha quando andava pelas ruas brilhando na década de 80. Ao entrar na carreta, Reinaldo me explicou que o veículo carrega 14 telas de televisão, câmera de segurança, holofotes, luzes de festa, fraldário, banheiro, água encanada, ventilador e cabine de DJ, tudo isso rodando com 3 geradores. Foi impressionante estar dentro desse caminhão que já abrigou tantas pessoas por tanto tempo. Parece que mesmo empoeirado e parado há 5 anos, o gigante de metal respira. É uma pena que não rode mais.

Figura 69 - Trio Star em 2020



Fonte: YouTube

Voltando do galpão, passei em frente ao centro cultural da cidade “Centro Cultural Nelson Mandela” e decidi perguntar se eles tinham algum conteúdo ou arquivo relacionado aos Trenzinhos da Alegria. A resposta foi negativa, demonstrando como os Trenzinhos da Alegria, mesmo fazendo parte da tradição e cotidiano da cidade, não apareciam na história oficial de Governador Valadares.

Ainda na sexta-feira, à noite, fui visitar o passeio noturno do Expresso da Alegria. Antes de sair, encontrei a mesma dificuldade que senti em Guarulhos, de não conseguir localizar o lugar exato do embarque do Trenzinho, então, para não haver erros, entrei em contato com um dos funcionários que estava conversando dias antes e ele me mandou a localização. Dentro do Uber, a caminho de um bairro localizado depois do Rio Doce, compartilhei o tema da pesquisa com o motorista, que disse que morava em Ipatinga, cidade vizinha de Governador Valadares, 2 anos e meio atrás e que lá faleceram dois meninos personagens da carreta, a tiros. Ao questioná-lo sobre a história, ele disse que “esses meninos da carreta são todos envolvidos com drogas”.

Cheguei na praça de embarque do Trenzinho e, nos arredores, havia uma padaria, dois bares e alguns comércios fechados, ou fechando. Esperando sentada em um dos banquinhos, percebi a movimentação e a chegada de mais pessoas. Um pai com seu filho e sua bicicleta e uma mãe que chegou com um menino carregando uma máscara da série “La Casa de Papel”. As crianças parecem amigas, pois automaticamente se juntam em um banco e começam a jogar um jogo no celular, à espera do Trenzinho.

Eram 19h10min quando a gigante carreta se anunciou na rua de trás da praça com suas buzinas de cruzeiro. Ao virar a rua, trouxe consigo um festival de cores piscantes e fortes e som alto, como se um navio estivesse aportando. Carregava, pendurado para fora da janela, um dançarino sozinho, vestido de Máskara, de calças soltas e chapéu de EVA. No topo do caminhão, em uma plataforma acima da cabine do motorista, outro dançarino, fantasiado de Emília, que não usava máscara, mas sim

maquiagem, isolado no seu palco, pulava e jogava seus cabelos de boneca.

A carreta chegou, acompanhada de três bicicletas com meninos que se encontraram na praça. Começaram os preparativos para o passeio da noite. A primeira coisa que o Máskara fez, foi descer do Trenzinho e falar com a menor criança da praça, de no máximo 3 anos, e, logo após sumiu na rua da frente<sup>16</sup>.

Passaram-se 10 minutos e o cruzeiro iluminado gritou, chamando todos os interessados para a primeira volta. Entrei e coleí na grade direita do veículo. Depois de algumas ruas, pularam 5 personagens na lateral do caminhão, se apoiando em uma barra de ferro e segurando na janela aberta do Trenzinho. Além do Máskara, a trupe contava com Chapolin, Ben10, Kiko e Goku.

Nenhum dos muitos vídeos estudados para esse evento me preparou para a loucura frenética que é estar na tridimensionalidade do mesmo. O balanço incessante e intenso do chão de baixo dos meus pés, a música se abafando no teto do segundo andar do veículo, a velocidade que os meninos têm que correr para acompanhar o Trenzinho e a atenção para não levar um galho de uma árvore da calçada diretamente no meu rosto: estava tudo ali.

O êxtase sensorial do passeio durou quase uma hora e percorreu pelo menos 3 bairros da região periférica de Governador Valadares. Os locais que passamos eram marcados pela presença de casas simples, com muros baixos e que se espalhavam entre diferentes morros. Ruas apertadas e calçadas estreitas, onde os personagens muitas vezes ficavam colados na lateral do caminhão para não esbarrar nas casas ou nos carros estacionados. Por muitas vezes, passamos por locais com baixa iluminação pública e ruas de terra batida. Era possível ver poças de água e lama acumuladas, provavelmente, após alguma chuva que chegou antes de nós. Parecíamos estar andando nas fronteiras da cidade, contornada pelo Rio Doce e com muito cheiro de comida boa vindo das casas e restaurantes dos bairros.

Figura 70 - Personagens pendurados no Trenzinho, da minha perspectiva



Fonte: Arquivo pessoal

<sup>16</sup> Disponível em: [Chegada da Carreta G4](#)

Alguns momentos se fizeram chave para o meu entendimento do evento. A carreta deu sua volta acompanhada sempre, no mínimo, de 10 bicicletas. Meninos e meninas pedalando atrás do gigante de luzes, esperando o momento certo para abandonar a bicicleta no chão e se juntar à dança dos personagens, ou até mesmo arriscar um salto mortal em algum muro, correndo de novo em direção à bike e montando o mais rápido possível para não perder nada. A sensação que ficou, para mim que era de fora, era que todo mundo parecia ter nascido fazendo aquilo, o que podia não estar muito longe da verdade. Algumas bicicletas davam voltas por dentro dos bairros e esperavam a carreta um passo à frente, outras sempre acompanhando atrás, perdia-se a conta se eram sempre as mesmas. O caminhão modificado de dois andares adentrava as ruas de bairros estranhos para mim, mas para quem pedalava, talvez fosse o bairro de casa. A interação entre os personagens e os ciclistas mirins parecia de amizade, considerando que a cada 5 minutos eles estavam todos juntos em uma pequena multidão dançando os mesmos passinhos ao som de um remix de funk.

Durante o percurso do trenzinho, o que chamava minha atenção no comportamento dos dançarinos, além das corridas em alta velocidade e saltos mortais, era a relação deles com as crianças que acompanhavam o evento. Nas paradas para embarque, que aconteciam toda vez que alguém dava sinal em qualquer rua da rota do passeio, os personagens sempre se desatavam do caminhão e iam diretamente em direção às crianças. Parecia que quanto mais jovem era o pequeno, mais cuidado rodeava a interação.

Figura 71 - Personagem dentro do Trenzinho interagindo com criança



Fonte: Arquivo pessoal

Onde o Trenzinho passava, causava comoção nas ruas. Identifiquei pelo menos três formas de interações do evento com as pessoas do bairro, enquanto o Trenzinho costurava pelas ruas: 1) Passando na frente de restaurantes e bares com mesas estabelecidas nas calçadas, famílias jantando e aproveitando uma noite quente de sexta-feira, os personagens, sempre bem recebidos, interagiam com os clientes e funcionários; 2) Também havia as pessoas dentro de suas casas, que quando não apareciam nas janelas, saiam até o portão para ver o desfile do gigante de dois andares

e seu cortejo de bicicletas; 3) Por fim, as crianças, que quando mais novas, ainda não podiam acompanhar a carreta de bicicleta pelos bairros, respeitavam um limite, provavelmente imposto pelos pais, de até onde eles poderiam seguir o Trenzinho. No meio do frenesi, pipocavam pequenas crianças correndo a todo seu pequeno vapor ao lado do Trenzinho, às vezes em duplas, às vezes sozinhas, sempre respeitando seu limite em um final de quarteirão e ficando para trás<sup>17</sup>.

Quase no meio do trajeto, passados 20 minutos de corridas, saltos mortais e danças sincronizadas nas calçadas, os personagens se direcionavam para uma pequena portinha de um estabelecimento que parecia ser um boteco, com mesas de plástico para fora e alguns homens sentados bebendo cerveja. Lá dentro, foram abrigados por um senhor que ofereceu garrafinhas de água. O Trenzinho seguiu sua rota fazendo o retorno em uma avenida e 5 minutos depois, eles pipocaram novamente do outro lado da rua, já com uma dancinha sincronizada.

A música era avassaladora e a escolha da noite foi funk, alguns remixes de bregafunk e forró durante todo o passeio. As vertentes eram muitas, músicas e artistas do momento como “Penélope Charmosa” e “O Grelo”, mas também músicas remixadas para o funk como “Minha cura” do MC Cabelinho, conhecida por ser uma *lovesong*, também funk de mensagem e proibições como “Joga pra raul, joga pra ladrão” do MC 99 com o DJ LC Único. O ritmo 150bpm, original do funk carioca, também apareceu durante a volta.

Durante o passeio, pude observar e refletir sobre um dos pontos de foco durante minha análise das mídias do evento na internet: a dança. Que se mostrou relevante para mim, considerando meus 12 anos de experiência em dança clássica e moderna. O estilo de dança que complementa hoje os Trenzinhos da Alegria é muito característico do evento. A corrida estilizada realizada pelos dançarinos em si já denota um estilo de movimento único<sup>18</sup>. O movimento acontece com as pernas abertas e passadas longas, os braços acompanham fazendo movimentos rápidos para cima e para baixo, como se fosse gerar impulso para um pulo.

As coreografias dos Trenzinhos da Alegria são caracterizadas pela sua formação linear dos dançarinos e pelos movimentos que carregam um estilo típico, só visto no evento. Corporalmente, o que chama a atenção são as pernas dos dançarinos, que estando debaixo dos grandes panos de cetim da calça, ganham vida e um movimento quase aéreo, que ajuda a deixar as corridas e saltos mortais mais fluidos. O corpo dos dançarinos se transformam em um grande tecido colorido brilhante em movimento. Os braços dos dançarinos, que se movem no ar, se assemelha ao movimento de uma marionete, puxada por cordas, executando movimentos amplos, sempre acompanhando o ritmo das pernas.

Os passinhos realizados pelos dançarinos são encaixados perfeitamente na métrica temporal das músicas, possibilitando que a mesma coreografia possa ser usada em diversos ritmos, seguindo os mesmos passos e estilo. Passinho é o termo utilizado para definir a dança do baile funk, determinando um movimento de

<sup>17</sup> Disponível em: [Menina correndo com a carreta](#)

<sup>18</sup> Disponível em: [MELHORES PASSINHOS DO FOFÃO CHAVES TRENZINHO DA ALEGRIA EM BH](#)

expressão corporal. Ele é dançado ao som do funk e caracterizado pelo seu passo-base, o sabará, uma marca na qual o dançarino usa um dos ps como apoio enquanto a outra perna faz movimentos em volta do seu corpo. O passo  combinado com diversos movimentos, sendo um dos principais a cruzada, que lembra o frevo. Isso é feito de uma maneira tão rápida que fica quase impossível distinguir um movimento do outro. Com o passar dos anos, esse estilo de dança foi incorporando novos movimentos e vários tipos de passinho surgiram.

Minha hipótese sobre as origens e influências dessa dança característica dos Trenzinhos, se baseava na geografia do evento e considerava o fato da maioria dos Trenzinhos ter saído de Minas Gerais, assim, os estilos de dança adotados teriam influência do passinho malado<sup>19</sup>, original de Minas Gerais, com influências de movimentos dos bailes charme dos anos 80<sup>20</sup> e do ritmo Miami Bass<sup>21</sup>.

Em campo, durante o passeio, notei que o movimento dos dançarinos parecia uma mescla das vertentes dos passinhos, se juntando e formando uma nova vertente, os característicos passinhos do Trenzinho da Alegria. Os artistas incorporavam a sarrada de São Paulo, vista nos vários ritmos que tocaram durante a noite, misturada com muitas influências do passinho malado de BH, presentes no movimento das pernas e na formação dos dançarinos, incluindo o movimento dos braços, que se assemelhavam ao passinho foda do Rio de Janeiro, quase como alavanca para o movimento, aumentando a dimensão da coreografia e ocupando espaço nas calçadas.

Eram músicas conhecidas e atuais, todas nas suas versões censuradas, sempre tocando muito alto dentro e fora do Trenzinho, mas durante muitos momentos do passeio, ela quase cessava e depois voltava à tona. Durante o silêncio, procurando um motivo, percebi que estávamos passando na frente de igrejas locais. O Trenzinho da Alegria tinha algum tipo de acordo de não deixar a música alta ao passar por igrejas, todas sem exceção, receberam o mesmo tratamento. Nesses momentos, se podia ver as luzes piscastes refletindo na fachada das igrejas, sem ser acompanhada de seu pancado.

Depois da experiência colorida e sonora, nos reencontramos na calma praça de embarque, já com a próxima leva de passageiros prontos para a volta seguinte. Amigos trocavam ideia com os mascarados, crianças brincavam de correr de máscara e conversavam em suas bicicletas, meninas andavam em duplas e com vestidos brilhantes e curtos. A buzina ensurdecidora do Trenzinho e as luzes piscantes foram sumindo de vista, com a carreta fazendo sua segunda volta da noite, a praça acalmou, e ouviam-se somente as vozes das pessoas conversando nas mesas de bar, os carros passando e a vida acontecendo normalmente no bairro<sup>22</sup>.

Dentro do Uber da volta, trafegando pelas ruas vazias do centro de Governador Valadares, o som do ritmo do funk ainda ecoava no fundo da cabeça e meus ps pareciam ainda esperar que o chão balanasse. Vim pensando como era legal para aqueles bairros ter um evento como esse rotineiramente acontecendo, uma oportunidade para as pessoas saírem de casa e participarem de um evento cultural acessível como esse. Ao chegar na praça central da cidade, decidi parar no mesmo bar do dia anterior para organizar as ideias e impressões em meu caderno de campo.

<sup>19</sup> Disponível em: [Passinho Malado](#)

<sup>20</sup> Tipo de festa que toca Black music, como Hip-Hop, R&B, swingbeat, soul, funk, entre outros

<sup>21</sup> Disponível em: [Passinhos Miami](#)

<sup>22</sup> Disponível em: [Governador Valadares - Noite](#)

Após pedir minha bebida, a dona veio pessoalmente falar comigo e compartilhei com ela que fui no passeio da Carreta Expresso da Alegria e achei muito legal e divertido. Ela explicou que ontem, quando encontrei a carreta na praça, ela estava fazendo um evento beneficente, não cobrando ingressos e que ficou até altas horas rodando. No mesmo fôlego, ela me avisa que essas carretas que rodam dentro dos bairros são bastante perigosas, uma em especial, ela define como “pesado”, associando o passeio com tráfico de drogas e roubos acontecendo durante a volta, e definindo os estilos de roupas das mulheres que frequentam o evento como “meninas com os shorts no útero”. Ela finaliza seu aviso confessando que essa em especial, é a carreta mais animada de Governador Valadares e que vale a pena a visita.

O discurso dela me pareceu chocante, mas não muito diferente do que eu já tinha ouvido falar do evento na cidade, como quando as mulheres na padaria afirmaram que as carretas antes rodavam em bairro chique e não é como hoje ou quando o motorista do Uber associou a morte dos dançarinos ao envolvimento dos mesmos com drogas. O que se diferenciava dos discursos, era a minha vivência com o evento até aquele momento, curta e específica, talvez, mas não inválida. Quando penso na minha experiência no passeio do Trenzinho dentro do bairro, as palavras que surgem é cuidado, diversão e cultura, não violência. Mas as únicas pessoas que podem de fato afirmar o que são os Trenzinho da Alegria, é quem o faz e a população que abriga o evento.

Domingo acordei e 9h30min já estava na praça do centro da cidade. O horário marcado para o passeio da Carreta Conexão da Alegria era 10h, o ponto de embarque era o mesmo da carreta que vi quinta-feira a noite. Algumas barraquinhas preparavam-se para servir comida e vender seus artesanatos na frente do bar da noite de sexta, agora fechado. Na calçada da praça, já estava montada uma barraquinha com máscaras e miniaturas das carretas feitas de papelão, tentei puxar assunto com o vendedor, que tinha uma tatuagem gigante de Fofão no braço, mas ele não queria papo. Perguntei se podia tirar uma foto e sentei em um dos banquinhos de concreto da praça.

Figura 72 - Barraquinha de máscaras de papelão



Fonte: Arquivo pessoal

Passaram 10 minutos antes das famílias começarem a chegar para o evento. Duas mulheres com dois pequenos meninos, saíram de um carro de aplicativo e sentaram no banco do nosso lado, não demorou muito para as crianças pegarem interesse na barraquinha de máscaras e as mulheres acabarem comprando uma máscara de papel para eles. Com o tempo chegavam cada vez mais crianças e famílias, mas também os vendedores e atrações a parte da carreta, como um pipoqueiro e uma cama elástica, que só começou a ser montada no meio da praça.

Por volta das 10:20, quando a praça já estava cheia de famílias arrumadas para o passeio de domingo, a Carreta Conexão da Alegria faz a volta na esquina e só é possível se ouvir as buzinas ecoando pelas ruas vazias da cidade. Mesmo com a barulheira, o impacto era menor, pois por ser de dia a carreta não brilhava com suas luzes coloridas, mas chegou com uma música infantil estourando nos alto-falantes e mais de 10 personagens pendurados no veículo, dois na frente da carreta, tremulando bandeiras com a logo da Conexão da Alegria e os outros pendurados no vagão ou correndo na calçada<sup>23</sup>. Quando ela estacionou, os personagens tiraram 10 minutos para falar com as crianças, interagir e dançar na calçada na frente da carreta, enquanto os pais compravam os ingressos com os cobradores, que haviam chegado mais cedo. Os personagens logo se reuniram no quarteirão da frente, tiraram as máscaras e começaram a conversar, esperando o horário do passeio.

Comprei meu ingresso e me preparei pra entrar no Trenzinho, quando um dos funcionários da Carreta G4, que eu tinha passeado na noite de sexta, veio falar comigo. Explicou que o chefe dele perguntou se eu havia ido na sexta-feira e que pediu desculpas, falando que fui “no pior dia”. Foi um choque muito grande, considerando que adorei a experiência. Tranquelizei-o explicando que o passeio foi muito proveitoso. Ele contou que o Trenzinho “Conexão da Alegria” e a “Expresso da Alegria” se revezavam para o passeio na Praça dos Pioneiros no domingo de manhã, e, hoje, rodaria a Conexão. Ele trabalhava para as duas carretas, finalizou me desejando bom passeio. Subi no caminhão.

O passeio tinha completamente outro tom, em comparação com à sexta-feira. O público era outro e percebi que a faixa etária das crianças era mais baixa, com muitas crianças de colo e com menos de 3 anos. As músicas se alternavam entre gospel, músicas infantis e internacionais. O passeio contava com 14 personagens (Frajola, Patolino, Patati, Patatá, Mario, Luigi, Princesa Peach, Snoopy, Chaves, Kiko, Máskara, Goku, Winnie e Pica-Pau) seguindo a carreta, nenhum deles de correntinha ou sobrelha chaveada. Usavam fantasias dos personagens sem a estética do Trenzinho que foi visto na sexta-feira, mas seguiam o modelo visto nas fotos dos Trenzinhos antigos da cidade.

<sup>23</sup> Disponível em: [Chegada da Carreta Conexão da Alegria](#)

**Figura 73 - Coreografia dos personagens**



Fonte: Arquivo pessoal

O Trenzinho da Alegria de domingo, se direcionou para a Ilha dos Araújos, que ficava no meio do Rio Doce. Parecia ser um bairro rico da cidade, as ruas eram mais espaçadas, feitas de ladrilho e as calçadas mais amplas. Na ilha, a rota passava por uma rua com muitas mansões e casas gigantes com muros altos. Eu só conseguia ver o interior de seus quintais, com piscinas, churrasqueiras e estátuas, porque estava no segundo andar do Trenzinho. Nessa rua, houve uma parada de 10 minutos para embarque de 20 passageiros, e enquanto eles embarcavam, alguns personagens faziam uma coreografia sincronizada, com direito a agradecimento teatral no final. Outros, à frente no quarteirão, levantavam suas máscaras e respiravam um pouco. Entre a máscara e a fantasia dos personagens havia um pano preto, que impedia a visualização do rosto dos dançarinos.

**Figura 74 - Final da apresentação na ilha**



Fonte: Arquivo pessoal

Diferente de sexta à noite, as pessoas não saíam de suas casas, mas os personagens interagiam e “faziam graça” nos arredores. Na rua da frente do embarque dos novos passageiros, os personagens estavam dentro de um quintal de uma casa térrea, onde se via um idoso sentado com seu neto na varanda, até que chegava o Chaves, pegava uma vassoura que estava apoiada na parede e saía correndo ameaçando bater nos outros dançarinos. Em outro momento, ao passar em frente a uma loja de móveis, com amostras de cadeiras, sofás e mesas de centro na calçada, os personagens se juntaram em um quinteto e encenaram estar no sofá de casa, com os pés em cima da mesa. Essa última situação em específico, eu encontrei em um dos arquivos das rotas dos Trenzinhos antigamente. A cena é a mesma, mas 23 anos atrás.

Figura 75 - Passeio em 2003



Fonte: YouTube

Figura 76 - Passeio em 2025



Fonte: Arquivo pessoal

Após atravessar a ponte para voltar da Ilha dos Araújos, o Trenzinho ainda passou pelas avenidas centrais da cidade. Os personagens se dividiam em grupos e apresentavam coreografias ao som de um remix da música “Vamos a la playa” e muitas outras. O estilo da dança era parecido com a apresentação de paquitas em programas de auditório dos anos 80<sup>24</sup>.

Após 40 minutos de passeio, estacionamos na praça de embarque, que tinha algumas pessoas já esperando para a segunda volta. Saí do trenzinho e sentei na praça para anotar as impressões do passeio<sup>25</sup>. Quando a carreta saiu novamente, a praça silenciou e decidi falar com o cobrador da G4 que falara comigo. Quando cheguei lá, me apresentei e descobri que o nome dele era Luis Carlos e estava acompanhado de Ismael, cobrador da Conexão da Alegria.

A primeira pergunta que fiz a eles, foi “qual era o seu trabalho” e Luis Carlos respondeu com “trabalho aqui ou trabalho fora? Porque fora sou cuidador, faço faculdade de enfermagem”. Perguntei se ele sempre gostou de trabalhar no ramo e ele confessou que gostava desde que tinha 7 anos, era uma coisa que ele nasceu conhecendo.

Na conversa, eles me contaram que sempre tiveram em contato com o evento. Começaram sua trajetória, trabalhando como personagens na Tolomelli Star quando tinham somente 16 anos. Luis Carlos explicou que o processo de escolher o personagem interpretado era baseado no porte físico e personalidade da pessoa. Ele, por exemplo, começou como Olivia Palito. Antigamente, eram feitos testes de aptidão para contratação dos personagens, exames médicos, testes de respiração, dança, para convivência com as crianças. Confessou que era super difícil entrar na Tolomelli.

Além de trabalhar como personagens, Ismael também foi vendedor de ingressos e segurança, brincou que só não foi motorista porque não deixaram. Na época, o ingresso era R\$ 1,00 e no fim do mês eles recebiam seu pagamento em bolos de notas. Antigamente, a Tolomelli assinava carteira dos funcionários, mas hoje é por contrato. Perguntei se eles contratavam menor de idade e eles afirmaram que não.

Sobre a dinâmica do trabalho hoje, disseram que viajam bastante, e que

<sup>24</sup> Disponível em: [Personagens domingo de manhã](#)

<sup>25</sup> Disponível em: [Governador Valadares - Dia](#)

todo fim de semana estão em alguma cidade vizinha e vão muito para praia também. Nessas viagens, ele disse que “vai todo mundo”. Antes, eles viajavam dentro do porão do Trenzinho, mas agora, para cidades mais longe, alugam uma van para acomodar todos os funcionários. Eles confessam que para cidades vizinhas eles ainda vão todos no Trenzinho.

Perguntei sobre os personagens, se as fantasias eram próprias ou se a empresa fornecia e eles explicaram que depende. No caso da Expresso da Alegria, as fantasias são da empresa, mas na Conexão, a fantasia é dos próprios dançarinos e eles que escolhem a que vão usar no dia. Sobre o uso da fantasia do Fofão, disseram que não usam mais, e citaram a indenização do personagem. Eles contaram que uma vez pintaram o personagem TazMania do Looney Tunes na lataria da carreta e levaram um processo da Warner Bros.

Eles explicaram que o público de domingo de manhã no centro e o das noites do fim de semana nos bairros é completamente diferente. Um dia, foram rodar no bairro Castanheiras e uma passageira desceu do Trenzinho porque não estava tocando música infantil. “O público aqui é bastante família, criança de colo. Nos bairros é tudo adolescente, então tem que tocar funk né, mas a carreta é para as crianças mesmo”, diz Luis Carlos. Finalizamos a conversa com ele me dizendo que antigamente os personagens davam muito mais atenção para as crianças e hoje é sobre eles, não sobre as crianças.

Após essa conversa, agradei ambos pela disponibilidade, e comecei a me preparar para encerrar minha estadia na cidade origem dos Trenzinhos da Alegria no dia seguinte. Mesmo que por poucos dias, essa experiência foi essencial para o entendimento do evento. Todas as pessoas que conversei, tiveram algo para falar sobre, construindo uma narrativa de recortes e opiniões que se adicionou à minha experiência de estar nos Trezinhos, numa noite de sexta-feira e num domingo de manhã. Despedi-me de Governador Valadares querendo voltar.

Figura 77 - Placa no começo da cidade



Fonte: Arquivo pessoal

# ***CONSIDERAÇÕES FINAIS***

A construção desse trabalho nasceu a partir de um choque. Algo na manchete sensacionalista da notícia da morte de um personagem de Trenzinho da Alegria, me fez perceber que talvez havia algo além da “Carreta Furacão” e do Fofão jogando seus cabelos de lã pelas ruas. Através da narrativa da minha trajetória, a ideia foi agrupar diversas perspectivas, junto com a minha, de um evento itinerante que roda o Brasil. A combinação entre o campo virtual e o presencial demonstrou que o evento estudado é resultado de múltiplos atravessamentos: é construído por narrativas digitais e corporais, por experiências de dentro e de fora, por expectativas e realidades distintas. As entrevistas e registros mostram que tanto quem participa diretamente quanto quem acompanha à distância atribuem sentidos que vão além do que se vê nas redes ou nas ruas.

A variedade de perspectivas que pude entrar em contato ao longo da pesquisa, assim como o trabalho de resgate histórico produzido por pessoas que viveram e vivem o evento, possibilitaram a construção de uma base contextual histórico-política sobre os Trenzinhos da Alegria, cujo objetivo não é só disponibilizar um apoio referencial para trabalhos futuros sobre o tema, mas também oferecer acesso a diversos conteúdos produzidos por quem faz o evento ser uma cultura viva.

Foi importante perceber, também, que o evento sofre alterações ao longo do tempo, se mostrando dinâmico, dialogando e se adequando a diversos contextos sociais, por vezes imprimindo uma identidade própria, seja na personalização das máscaras, fantasias ou escolhas de músicas, e por vezes, resgatando as formas mais tradicionais do evento, à medida que transita em diferentes contextos. Essas mudanças de um evento itinerante, que se locomove entre bairros e cidades, não o qualificam como melhor ou pior em uma hierarquia de qualidade, ou autenticidade e não está desconectado das transformações nas condições de vida das pessoas que o constituem:

“Mais relevante que lamentar a perda de uma suposta autenticidade, no entanto, é tentar analisar as crenças, costumes, festas, valores e forma de entretenimento na forma em que se apresentam hoje, pois a cultura, mais que uma soma de produtos, é o processo de uma constante recriação, num espaço socialmente determinado”(MAGNANI, ano, p. 19)

Dentre essas mudanças, foi possível identificar a forte influência das culturas do hip-hop e do funk, que se encontram impressas nos signos estéticos carregados, percebidos pelo contraste do que são os Trenzinhos da Alegria após a popularização desses movimentos musicais e o que foram os Trenzinhos da Alegria antes disso. Assim, o estudo desses signos observados no uso de correntinhas, nas escolhas musicais, na mescla de passinhos, na ostentação das marcas, nas sobrelhas chaveadas, etc., em alguns contextos específicos, dá espaço para entendê-los como afirmadores de uma identidade social, relevante para o entendimento da relação entre o evento e seus conformadores, como explica Silva.

“A relevância cultural e social da cultura hip-hop (funk) é inegável, especialmente entre os jovens periféricos que usam o conceito de periferia como posicionamento político-territorial. Estudar a estética e as manifestações desses jovens não somente enriquece a compreensão dessa cultura, mas também nos permite analisar sua importância social e identitária inserida no mundo” (SILVA, 2024, p.9)

Tive a oportunidade, também, de entender esse evento para além do meme disseminado em massa e da noção sensacionalista da mídia, tão presente em reportagens. Essa noção violenta do evento, apresentada para mim virtualmente, também foi bastante percebida em campo, inserida nas falas e opiniões de diversas pessoas que, mesmo com um contato mais superficial, entendem os Trenzinhos da Alegria como algo que anda par a par com a violência. O contraste entre essas falas e o evento que participei, é gritante e me fez questionar: será que as famílias que param sua janta pra sair de casa ver o Trenzinho passar o acham violento? As igrejas que fazem seus cultos no mesmo horário do evento, acham ele perigoso? Os comerciantes locais que abrem as portas para abrigar os personagens cansados dos passeios, os consideram marginais? Esses questionamentos e o que vi em campo abrem espaço para aprender que o evento vai além do seu estigma violento, perigoso e marginal.

Durante minha trajetória, registrada na pesquisa, em um caminho traçado de fora para dentro, entrei em contato com diversas formas de afirmação de identidades, construídas a partir da relação com os Trenzinhos da Alegria. Um dos primeiros relatos, que deixa isso evidente, foi quando conversei com o Fofão em Caraguatatuba, que disse que quando mais novo, passava mais tempo com as pessoas do Trenzinho da Alegria, do que no carrinho de pipoca do seu pai, além de citar sua coleção de máscaras. Também percebi a importância do evento na vida das pessoas, durante a conversa com os cobradores das carretas no domingo, que participam do Trenzinho desde a década de 80 e mesmo tendo outras ocupações hoje em dia, não faz sentido para eles não participarem do evento, por ser algo que faz parte de suas identidades. Por fim, vi como é forte a relação entre os Trenzinhos e as identidades formadas ao redor deles, podendo se transformar em materialidades, quando entrei em contato com a produção de miniaturas das carretas como *hobby* de crianças que participam do evento. Como exemplifica Fontes: “É preciso, portanto, compreender a identidade como um fenômeno social e que se manifesta em diferentes formas de solidariedade, em disposições compartilhadas ou na consciência de interesses e problemas comuns e, eventualmente, em ações coletivas.”.

O trabalho vai chegando ao fim e inesperadamente o propósito dele estava logo no começo. Antes dele ser um Trabalho de Conclusão de Curso, era a reação humana de não entender por que pessoas que levam alegria, estavam sendo associadas à violência. Em uma conversa com o produtor da página dos Museus dos Trenzinhos, despretensiosamente ele me perguntou de onde veio o interesse de pesquisar o evento. Expliquei o meu contato com a notícia da morte de um

dançarino e como percebi que casos como esse eram recorrentes, mas muito mal reportados na mídia. Com menos de um mês faltando para a entrega do trabalho, achava que não era possível eu receber qualquer nova informação que impactasse a pesquisa, foi quando ele me respondeu que conhecia o homem vestido de Naruto que vi na notícia, pego no meio de uma troca de tiros:

“Isso aí é uma história interessante porque esse rapaz que foi baleado, chamava Frank e ele vem da primeira geração de personagens, (...) ele já era bem de idade, sabe? Ele não sabia ler, não sabia escrever, a vida dele era só aquilo ali, entendeu? Era só Trenzinho, era só Carreta... E aconteceu aquele caso né, pessoal dentro da carreta começou a trocar tiro com o pessoal num carro na rua, e ele ficou no fogo trocado e acabou morrendo de graça, ele era um amor de pessoa.”

Quando comecei a jornada de pesquisar o fenômeno dos Trenzinhos da Alegria, o meu propósito com esse trabalho era ter um lugar onde pessoas que não entendiam as notícias de mortes ou achassem que “Carreta Furacão” fosse o evento e não uma peça constituinte dele, pudessem ter um pouco de contexto histórico-político. Quanto mais pesquisei, mais pude ver cada carreta ganhando um nome, consegui reconhecer os signos estéticos aplicados no evento pelos dançarinos, apreciar o talento das crianças inseridas nesse mundo e ver a coletividade do evento nas comunidades online estabelecidas pela internet. A vontade de escrever o trabalho agora, vinha do propósito de entender tudo isso que estava acontecendo como cultura popular brasileira, que como todas, merece ser aprendida e disseminada. Após a pesquisa, entendo que o evento dos Trenzinhos da Alegria é humano, envolve corpo, cor, afeto e movimento e não pode ser resumido a um meme ou a uma violência à qual o evento está exposto.

Esse trabalho é dedicado para o Frank, para os meninos do Museu dos Trenzinhos, para os artistas e funcionários que me receberam em Governador Valadares e Caraguatatuba, para as crianças que correm nos bairros, para o Fofão que conversou comigo na calçada da praia, para todas as pessoas que mantêm viva a memória e o agora do fenômeno cultural dos Trenzinhos da Alegria.

## REFERÊNCIAS

SILVA, Lidiane Oliveira da. **A estética periférica nos corpos vestidos: a ostentação das marcas justapostas no fazer ser.** 2024. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco: O Circo-Teatro e outras formas de Lazer e Cultura Popular.** São Paulo: Hucitec, 2003.

Essinger, Silvio. **Batidão: uma história do funk.** Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 2005

FONTES, Leonardo. **Trabalhadores e periféricos: identidades em (des)construção nas periferias de São Paulo**, e-cadernos CES [Online], 36 | 2021, posto online no dia 02 maio 2022, consultado em 12 novembro de 2024. URL: <http://journals.openedition.org/eces/6649>; DOI: <https://doi.org/10.4000/eces.6649>

HALL, Stuart (2003). **Notas sobre a desconstrução do ‘popular’, in Liv Sovik (org.), Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 247-264. Tradução de Adelaine La Guardia Resende.

**REBOLÃO! Mas Sua Irmã Gosta.** Direção: Gabriel Mendes Dias. Produção: Gabriela Dias. Roteiro: Miguel Haddad. [S. l.: s. n.], 2015. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=BZWmAhxmr\\_g](https://www.youtube.com/watch?v=BZWmAhxmr_g).

DIAS, Gabriel Mendes. **Como Minha Obsessão Por Memes Me Levou a Documentar o Mundo dos Trenzinhos.** Na Garaca, [S. l.], p. 10-12, 17 out. 2019. Disponível em: <https://issuu.com/nagaraca/docs/garaca3edissu>. Acesso em: 25 maio 2023.

VELAME, Fábio. **Trenzinhos da alegria são tradição em Valadares há mais de 40 anos.** Diário do Rio Doce, 2021. Disponível em: <https://drd.com.br/trenzinhos-da-alegria-sao-tradicao-em-valadares-ha-mais-de-40-anos/>. Acesso em: 10 fev. 2022.